

PATRÍCIA DO PILAR HENRIQUES REIS

**NARRATIVAS BÍBLICASNA POÉTICA DE
MARIA TERESA HORTA**

Orientador: Professor Doutor José Brissos-Lino

Co-orientador: Professor Doutor Paulo Mendes Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2020

PATRÍCIA DO PILAR HENRIQUES REIS

NARRATIVAS BÍBLICASNA POÉTICA DE

MARIA TERESA HORTA

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Ciência das Religiões no Curso de Mestrado em Ciência das Religiões, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 23 de Novembro de 2020, com o Despacho Reitoral Nº 248/2020, de 28 de Outubro, com a seguinte composição de Júri:

Presidente: Professor Doutor António Costa Pinto

Arguente: Professora Doutora Annabela Rita

Orientador: Professor Doutor José Brissos-Lino

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

Lisboa

2020

Bruxas dos vendavais
que depois desencaminham

Troçando do Senhor morto
com a cupidez vestida

Precipitadas do céu
Liliths que insubordinam
Vos arrenego anjos negros!¹

¹ HORTA, Maria Teresa, *Poesia Reunida*, página 837, Lisboa Publicações D. Quixote, 2009.

Para o meu marido, ele que torna tudo possível.

Agradecimentos

Esta dissertação resulta de um conjunto de boas vontades, incentivos e amizades extremas, dessas que valem para o resto da vida. Voltar a estudar foi um desafio grande e uma conquista. Dito isto, os meus professores e colegas foram extraordinários e é crucial agradecer-lhes.

Agradeço em especial ao meu marido que fez os possíveis e os impossíveis para facilitar a minha vida; ao meu filho mais novo de quem nunca ouvi queixume; ao meu filho mais velho que apostou que eu não durava uma semana na faculdade; a Joana Miguéis que acompanhou e paginou e imprimiu e me aturou; a Inês Pedrosa e a Maria Manuel Viana que foram inexcedíveis, como sempre.

O meu maior agradecimento ao Professor Brissos-Lino e ao Professor Paulo Mendes Pinto, ajudas preciosas, professores de mão cheia, com quem aprendi muito e conto continuar a aprender.

Por fim, agradeço à Maria Teresa Horta, a generosidade e o privilégio de trabalhar a sua obra, mas, acima de tudo, a sua amizade, a sua irmandade.

Resumo

A partir da análise de três obras poéticas de Maria Teresa Horta procuramos apurar o legado das narrativas bíblicas no seu universo ficcional/poético e de como o divino está impregnado na imaginação da autora. A partir da desconstrução do cânone, Maria Teresa Horta humaniza a relação de Maria e do anjo Gabriel, denuncia a natureza sexual dos anjos e reivindica para as feiticeiras a liberdade que, ainda agora, considera indispensável às mulheres, reflexo da sua atividade enquanto feminista. Apesar de ter recusado a fé católica na adolescência, as narrativas bíblicas surgem na obra da autora e, na sua reinterpretação, há um gesto político, de denúncia, de ousadia.

Palavras-Chave: Mulher; Deus; Anjos; Feiticeiras; Liberdade

Abstract

From the analysis of three poetic works of Maria Teresa Horta we try to ascertain the legacy of the biblical narratives in her fictional / poetic universe and also to show how the divine is impregnated in the author. From the canon's deconstruction, Maria Teresa Horta humanizes the relationship of Mary and the angel Gabriel, denounces the sexual nature of the angels and claims to the sorceresses the freedom which, even now, considers essential to women, a reflexion of her own feminism. Despite having rejected the Catholic faith in adolescence, the biblical narratives appear in her work, in its reinterpretation there is a political gesture, denunciation, daring.

Keywords: Woman; God; Angels; Witches; Freedom

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO	9
1.1.A ESCRITA DE MARIA TERESA HORTA.....	9
1.2. UM PERCURSO LITERÁRIO E O MOVIMENTO FEMINISTA	12
1.3. RELIGIÃO EM TERRITÓRIO DA POESIA	14
1.4. ABORDAGEM DA DISSERTAÇÃO.....	16
1.5 OBJETO DE INVESTIGAÇÃO	18
2. NARRATIVAS DIVINAS COMO FERRAMENTAS LITERÁRIAS	23
2.1. INÚTIL NEGAR UM DEUS.....	26
3. MARIA, MINHA SENHORA DE MIM.....	29
3.1 TRANSFIGURAR O RELIGIOSO	32
3.2. MARIA HUMANIZADA.....	34
3.3 A SOMBRA ENTRE MARIA E GABRIEL	35
3.4 ESTRUTURA E OPÇÕES NARRATIVA.....	38
4. ANJOS CAÍDOS DA BÍBLIA	41
4.1 SER ALADO E SEXUADO	45
4.2 ANJOS REINVENTADOS.....	47
5. AS MULHERES FEITICEIRAS.....	52
CONCLUSÃO	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	72
ANEXOS.....	75

1. INTRODUÇÃO

1.1.A ESCRITA DE MARIA TERESA HORTA

O misterioso processo da criação pode ser “comparado com o ininteligível por excelência: a loucura”². Na verdade, “o bom-senso é sempre uma violência ideológica que procura promover como *normal* algo que é apenas uma imposição”³. Em Maria Teresa Horta, a escrita parece surgir como salvadora, revelando uma dimensão política e ética que desvela a imposição da norma e respetiva limitação geradora de consequências inadmissíveis na vida das mulheres.

Maria Teresa Horta começou por publicar durante o Estado Novo, sujeita ao escrutínio, à repressão, à retirada de livros do mercado, a denúncias. Consciente da atividade da polícia política, do escrutínio político e da atenção intensa dirigida aos autores, Maria Teresa Horta escolheu o risco, escolheu a desobediência, palavra que, como tantas vezes refere publicamente, é porventura a sua melhor definição. Em 1971, com Maria Isabel Barreno (10.07.1939 – 3.09.2016) e Maria Velho da Costa (26.07.1938 – 23.5.2020), inicia a produção de um livro que será intitulado *Novas Cartas Portuguesas*⁴. A obra, composta por 122 cartas, poemas e curtos ensaios, expõe a realidade portuguesa da época, a situação da mulher, a guerra no denominado Ultramar, repondo uma estrutura epistolar, tradição do século XVII que teve nas cartas da freira do Convento de Beja, Mariana Alcoforado, o seu pretexto e inspiração de base. Mariana, Maria Ana, Ana Maria, Maria, personagens espelhos da personagem setecentista, metamorfoses psicológicas que o livro explana e desenvolve para melhor denunciar a problemática feminina. Publicado em abril de 1972, o livro é recolhido e destruído, as autoras acusadas de pornografia, atentado ao pudor e à moral. Instaure-se um processo que levará a interrogatórios hostis. A autoridade portuguesa pretende, em especial, saber quem escreveu cada um dos textos. As autoras fazem um pacto que persiste até hoje e do qual Maria Teresa Horta, a única das “três Marias”, como ficaram conhecidas, que vive, é guardiã: nunca revelar quem escreveu que carta ou poema que constitui o património literário do livro escrito a seis mãos. Arriscaram juntas.

Novas Cartas Portuguesas, foi uma das primeiras causas internacionais

² PLAZA, Monique, *A Escrita e a Loucura*, Lisboa: Editorial Estampa, 1990, p. 21.

³ BARTHES, Roland, *O Prazer do Texto*, Lisboa: Edições 70, 1973, p. 13.

⁴ BARRENO, Maria Isabel, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa, *Novas Cartas Portuguesas*, Lisboa: Coleção Serpente, 1972.

feministas, promovidas pelo congresso feminista em Boston (1973). No prefácio da reedição do livro *Novas Cartas Portuguesas*⁵, publicado em 1980, Maria de Lurdes Pintassilgo (18.01.1930 – 10.07.2004) escreve: “(...) o caminho percorrido é necessariamente egocêntrico. Nas *Novas Cartas Portuguesas*, as mulheres comprazem-se em si próprias, a sua paixão alimenta-se de si. Daí a reivindicação obsessiva do corpo como primeiro campo de batalha onde a revolta se manifesta.”

Maria Teresa acompanha a luta feminista desde cedo. Para ela a questão: que pretendem as feministas? teve, tem, múltiplas respostas e a autora foi dando respostas na sua obra. À mesma pergunta, Butler afirma que o feminismo problematizou a situação das mulheres na sociedade e considerou que o movimento feminista seria uma categoria universal, capaz de representar as mulheres na sua reivindicação pela paridade de tratamento ao nível profissional e na intimidade⁶. Mais de quarenta e cinco anos depois do início da democracia em Portugal, Maria Teresa Horta mantém a necessidade de lutar pelos direitos da mulher, pela causa feminista, por considerar que muito há ainda a fazer, no campo da igualdade, porque, se a lei vai mudando e retificando situações de desigualdade, as mentalidades demoram a evoluir.

“A vontade e a decisão de investigar o passado em busca das mulheres perdidas no nevoeiro do anonimato, cobertas pela poeira que o tempo sempre levantou à sua passagem, partiu das feministas que nos anos 70 iniciaram essa busca, esse longo trabalho quase detectivesco: seguir-lhes os passos, as pegadas esquivas, detetar-lhes o odor almiscarado, atentas aos indícios, aos sinais (muitas vezes contraditórios), que mal deixaram de si mesmas, e que a História, pela mão misógina e hábil dos cronistas, dos historiadores e dos sociólogos, se encarregou de apagar”⁷.

Importa referir que a autora assume uma atividade tripartida, por um lado, a poesia, por outro, a prosa e, por fim, o jornalismo. Enfim: a palavra escrita. Nascida em Lisboa, foi a primeira mulher dirigente cineclubista em Portugal, no ABC Cineclube de Lisboa. Em 1960, estreou-se literariamente com o livro de poesia intitulado *Espelho Inicial*. É

⁵ BARRENO, Maria Isabel, Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa, *Novas Cartas Portuguesas*, Edição Anotada, Organização Ana Luísa Amaral, Lisboa: Dom Quixote, 2010, p. 19.

⁶ BUTLER, J., *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasil, 2003, p. 17-19.

⁷ HORTA, Maria Teresa, *Ensaio sobre a Obra de Maria Teresa Horta, O Sentido Primeiro das Coisas*, volume II, edição Conceição Flores, Natal: 2019, p. 173.

ainda agora designada como uma das autoras da Poesia 61, obra coletiva na qual participou com o caderno *Tatuagem*. Nos anos 60 do século XX, a autora publica seis títulos, cinco dos quais na coleção *Poesia e Verdade* da Guimarães Editores. A carreira jornalística iniciou-se em 1969 no vespertino *A Capital*, assumindo a coordenação do suplemento *Literatura e Arte*. No ano de 1971, publica *Minha Senhora de Mim*, obra apreendida de imediato pela polícia política. Este livro valeu à autora alguns dissabores, entre eles uma agressão física na praça pública, já que a “a voz poética, claramente identificada como feminina, reivindica para si o direito de falar do corpo, do desejo e da sexualidade da mulher”.⁸ Esta temática, a da libertação da mulher, da ideia de que o corpo não pertence a uma intimidade de que não se fala, a par de noções de desejo, prazer, partilha, faz com que, um ano mais tarde, em 1972, Maria Teresa Horta publique, como já referido, em co-autoria com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, o livro *Novas Cartas Portuguesas*. Este livro valeu, além de um processo judicial por pornografia e ofensas à moral pública, um interesse acentuado no estrangeiro e as autoras passam a ser conhecidas como “as três Marias”. O primeiro Congresso Feminista (organizado pela NOW, National Organization of Women), realizou-se na cidade norte-americana de Boston de 1 a 4 de junho de 1973, e nesse âmbito o livro das autoras portuguesas foi debatido assim como as consequências políticas do mesmo. Em Maio de 1974, um mês depois da revolução do 25 de Abril, o processo contra as escritoras é encerrado numa audiência única em tribunal. No prefácio da primeira edição, Maria de Lurdes Pintassilgo reafirma o universo de interrogações das três autoras, explorando conceitos de autonomia, revolta, opressão e sujeição, impostos às mulheres ao longo dos tempos, elogiando a forma encontrada pelas escritoras para “fazer estalar a hipocrisia que cobre essa zona privada”.⁹

A poesia e ficção de Maria Teresa Horta, na época anterior ao 25 de Abril de 1974, pode ser considerada como uma ousadia. Como escreve Monique Plaza: “A publicação é para um texto uma forma de existência e de expressão necessariamente mediatizada pelo Outro”¹⁰. A escritora e poetisa nunca se atemorizou, nunca desistiu de escrever e de

⁸ BARRENO, Maria Isabel/ Maria Teresa Horta/Maria Velho da Costa, *op. cit.*, p. 21.

⁹ PINTASSILGO, Maria de Lurdes, Prefácio da primeira edição de *Novas Cartas Portuguesas*, transcrito na Edição Anotada, Organização Ana Luísa Amaral, Lisboa: D. Quixote, 2010, p. 21.

¹⁰ PLAZA, Monique, *op.cit.*, p. 30.

publicar, concordando com a afirmação de que importa “não deixar que uma palavra (ou imagem) escape das malhas apertadas da repressão, porque ela poderá atingir a consistência do sistema (como uma canção o fez)”¹¹.

1.2. UM PERCURSO LITERÁRIO E O MOVIMENTO FEMINISTA

Como Roland Barthes – “o prazer do texto é o momento em que o meu corpo vai seguir as suas próprias ideias – pois o meu corpo não tem as mesmas ideias que eu”¹² –, Maria Teresa Horta nunca dissociou o corpo da sua escrita impregnando-a de uma sexualidade que se torna, por si só, uma denúncia face à situação das mulheres na sociedade. O conceito de ‘subordinação’ foi sempre repudiado, rejeitando a ideia e a formatação da mulher portuguesa na época de poder ser “desejada no céu e proveitosa na Terra”¹³.

No que respeita a causa feminista, Maria Teresa Horta nunca a abandonou, manteve-se, até hoje, uma voz ativa, em intervenções públicas e, sobretudo, através da sua escrita.

A escritora e poetisa fundou, com Maria Isabel Barreno e outras feministas, o Movimento de Libertação das Mulheres. Assumiu o cargo de chefe de redação da revista *Mulheres* entre 1977 e 1988. Durante o mesmo período, militou no Partido Comunista Português, tendo optado por abandonar o partido e a militância em 1990. Reformou-se do jornalismo em 2007.

A história recente do feminismo em Portugal reporta-se, sobretudo, a movimentos constituídos após a revolução de 1974, altura em que se começaram a desenhar novas e outras arquiteturas de entendimento político. Em Abril de 1975, Simone de Beauvoir, em entrevista conduzida por Maria Teresa Horta e publicada no semanário Expresso, incita: “Não chega derrubar o regime capitalista, é preciso derrubar igualmente o machismo, o patriarcado, fazendo ambos parte do mesmo sistema.”¹⁴ Explorando a ideia de um novo país e respetiva construção democrática, após o derrube do regime ditatorial, Beauvoir acrescenta que, além de um país novo, importa rever simultaneamente as relações entre

¹¹ BARTHES, Roland, *op.cit.*, p.18.

¹² BARTHES, Roland, *op.cit.*, p. 53.

¹³ BEAUVOIR, Simone, *O Segundo Sexo*, Lisboa: Relógio d’Água, 2015, p.19.

¹⁴ BEAUVOIR, Simone, *Entrevista*, Lisboa: Expresso, 1975, p. 18.

homens e mulheres, acrescentando “os homens nunca serão homens novos se não tiverem relações absolutamente novas com as mulheres”.¹⁵

Dando nota dos avanços e recuos da luta das mulheres na conquista da paridade – de importância social, de progressão de carreira e de renumeração financeira –, Maria Teresa Horta mantém-se resolutamente feminista até aos dias de hoje. Diz-se desobediente e essa desobediência, que é ir contra o status quo, contra a sociedade alicerçada numa cultura e identificação de patriarcado, é um fulgor que impele a criação literária e a sua voz, a sua marca, a par de temáticas que lhe servem de pretexto, é feita à volta do universo feminino, da guerrilha escrita para fazer com que a palavra *utopia* não se associe às possibilidades de intervenção e paridade feminina, reivindicando não só a possibilidade da inexistência de diferenças entre géneros como a sua absoluta necessidade.

Maria Teresa Horta observa os movimentos internacionais com interesse, nomeadamente o movimento iniciado nos Estados Unidos da América e designado #metoo. Na revista *Mulheres*, cuja chefia de redação assumiu ao longo de onze anos, escreveu regularmente sobre questões de género, sobre a situação da mulher portuguesa na sociedade alargada, entrevistou personalidades e, nas suas crónicas, assumiu-se sempre como feminista. *Um Quarto Só Para Si*, ensaio de Virginia Woolf que instiga as mulheres a terem o seu espaço próprio, a sua liberdade e rendimento independente de marido ou outro familiar, torna-se uma citação recorrente nas múltiplas entrevistas que concedeu ao longo das mais de seis décadas de vida pública e literária.

Na medida em que a religião institucionalizada em Portugal está historicamente associada ao poder, em especial o poder político vigente entre 1926 a 1974, a escritora dificilmente poderia contemporizar, aceitar, inserir-se. O mesmo sucede com a maioria das mulheres portuguesas que se afirmam feministas. A exceção importa, parece-nos, referir: Maria de Lurdes Pintassilgo, assumidamente católica, mas que não recusa à escrita do prefácio da primeira reedição do livro anteriormente mencionado, *Novas Cartas Portuguesas*.

Esta obra, escrita a seis mãos, abundantemente estudada, é crucial na viragem do movimento feminista português. Torna-se exemplo, torna-se pretexto, torna-se um livro incómodo, contra as convenções, contra o governo e a religião institucionalizada, é uma

¹⁵ Beauvoir, Simone, *op.cit*, p. 18.

narrativa que questiona a ordem social, as questões da paridade, a situação das mulheres e a sua sexualidade sistematicamente reprimida. Tantos anos depois da sua publicação, *Novas Cartas Portuguesas* vão “ao encontro de questões prementes na agenda política atual, como a feminização da pobreza, identificada como obstáculo à promoção da paz e ao desenvolvimento mundial.”¹⁶

Maria Teresa Horta, contudo, não afirma que o livro escrito com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa tivesse pretensões feministas: “É um livro de rutura e só é considerado feminista quando as feministas lhe começam a dar o seu apoio. Elas leram e identificaram-se. Nós não pretendíamos escrever a Bíblia Feminista. Trata-se de uma obra literária.”¹⁷

Manuela Tavares, doutorada em Estudos sobre Mulheres, publicou o livro *Feminismos – percursos e desafios (1947-2007)* e é aí que podemos encontrar uma análise apurada do que foi a realidade da causa feminista em Portugal e, mais uma vez, somos confrontados com a importância crucial de escritores como Maria Teresa Horta, assumindo que normalmente “as grandes protagonistas feministas eram simultaneamente jornalistas.”¹⁸ Maria Lamas, Maria Antónia Palla, Antónia Fiadeiro são alguns nomes neste contexto, jornalistas e contemporâneas de Maria Teresa Horta. Salientamos, contudo, que deverá ser uma abordagem a fazer fora do âmbito desta dissertação já que pretendemos concentrar-nos em três obras da autoria de Maria Teresa Horta, focando-nos na sua carreira literária, com enfoque na abordagem e influência das narrativas bíblicas, em detrimento de uma abordagem que possa abarcar a sua atividade enquanto jornalista ou ativista.

1.3. RELIGIÃO EM TERRITÓRIO DA POESIA

O facto deste trabalho estar inserido no âmbito da Ciência das Religiões implica necessariamente uma não dispersão por outros universos, igualmente importantes e aliciantes enquanto matéria de estudo, por forma a conseguirmos desenvolver uma

¹⁶ AMARAL, Ana Luísa, FREITAS, Marinela, *Novas Cartas Portuguesas edição anotada*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2010, p.21.

¹⁷ TAVARES, Manuela, *Feminismos – percursos e desafios (1947-2007)*, Lisboa: Texto Editores, 2010, p. 178.

¹⁸ TAVARES, Manuela, *op. cit.*, p. 194.

proposta de análise e de valorização do tecido narrativo marcadamente religioso e impresso nas opções narrativas da autora escolhida.

Inquestionavelmente valioso e interessante é o livro de Anna K. Klobucka, *O Formato Mulher, a emergência da autoria feminina na poesia portuguesa*, livro que reflete longamente sobre a importância da “textualidade dos sexos.”¹⁹

Maria Teresa Horta é, amiúde, e de forma redutora na nossa opinião, designada como a poetisa do erotismo por excelência e esse entendimento que fazemos da sua obra, especificamente das obras trabalhadas para a presente dissertação, diverge dessa banalização, já que entendemos que a autora é, acima de tudo, uma autora do feminino, assumindo a palavra escrita como uma voz contra o machismo e patriarcado.

Além da dimensão claramente política, de luta e defesa dos direitos das mulheres, acontece ainda que Maria Teresa Horta veste as suas narrativas de um sentido histórico, pesquisando e procurando a tal “memória”, para contar e transformar a narrativa dos eventos e atos femininos. Em outras palavras: “(...) uma autoconsciência semiótica do ato artístico que (...) visa no discurso poético um meio de desconstrução analítica e de cristalização inventiva dos signos da realidade (própria e do mundo exterior).”²⁰

Até aos dias de hoje, Maria Teresa Horta mantém uma criação poética e ficcional constante, explorando as ferramentas literárias e as dimensões que possam contribuir para o enriquecimento do seu universo literário particular. Assim, em 2006 é publicado em França *Les Sorcières – Feiticeiras*, edição bilingue da Actes Sud, com tradução de Catherine Dumas. No Brasil, saem em 2007 *Antologia Pessoal + 22 poemas inéditos* (7letras, Rio de Janeiro), *Palavras Secretas* (antologia da editora Escrituras, Fortaleza), em 2009, *Poemas do Brasil* (Editora Brasiliense, S. Paulo) e, em 2014, a antologia de contos *Azul Cobalto* (Oficina Raquel, Rio de Janeiro). Em Setembro de 2007, é convidada a abrir o XXI Encontro dos Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa, na Universidade de S. Paulo, tendo também apresentado uma comunicação sobre a sua vida e obra no Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro. Em Setembro de 2009, é homenageada em Natal, Brasil, no âmbito do IV Seminário Internacional Mulher e

¹⁹ KLOBUCKA, Anna K., *O Formato Mulher, a emergência da autoria feminina na poesia portuguesa*, Coimbra: Angelus Novus, 2009, p. 34.

²⁰ KLOBUCKA, Anna K., *op cit.*, p. 242.

Literatura e voltou a apresentar uma comunicação ao XXII Encontro dos Professores Brasileiros de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), em Salvador (Bahia). Em 2019, realizou-se na Universidade de Letras de Lisboa, o Primeiro Congresso Internacional dedicado a Maria Teresa Horta. É estudada na academia nacional e internacional, focando-se sistematicamente a sua atividade feminista, mas sobretudo a sua originalidade na construção narrativa, o seu universo literário, a sua voz.

1.4. ABORDAGEM DA DISSERTAÇÃO

A impressão deixada por uma educação católica é significativa, embora a poetisa assuma o corpo, o desejo, o amor, a alegria e a tristeza e designe como interlocutor (que parece também assumir, para a autora, uma dimensão divina) o marido, Luís de Barros (14.10.1941 – 20.11.2019), a quem todos os livros são dedicados.

Para Maria Teresa Horta, o amor humano “usurpou um papel que só o amor de Deus costumava desempenhar”²¹ e prossegue com construções narrativas cujos objetivos são premiar a mulher, a sua sexualidade, o desejo e o prazer.

A sua obra, poética e ficcional, revela um misticismo próprio que nunca se afastará do sentido transcendente, de estar para lá do entendimento total. É uma obra que assenta numa ideia precisa de feminino, de amor, de paridade entre géneros, numa abordagem que implica uma conceção literária ímpar e original.

De acordo com Simon May, o amor, a união a um Outro, deve-se a uma inspiração, a uma “promessa de enraizamento ontológico”²² e, nessa medida, o Outro é sempre o Eu refletido, porventura melhorado, e é também no Outro que o autor se revela mais e melhor. A escritora parece procurar “a língua universal e o sentido do mundo”²³, explorando os limites do conhecido, do visível, do pensar e do dizer e, nessa medida, é possível aproximar o catolicismo da carga simbólica relevante e expressa no amor ao Outro, humano divinizado ou deus humanizado na relação única e fusional que atravessa toda a sua poesia, numa perspetiva necessariamente diferente mas que não podemos deixar de sublinhar, por nos parecer uma leitura possível, da de Alberto Caeiro, no poema VIII do

²¹ MAY, Simon, *Amor, Uma História*, Rio de Janeiro: Zahar, p. 21.

²² MAY, Simon, *op.cit.*, p. 25.

²³ PLAZA, Monique, *op.cit.*, p. 52.

«Guardador de Rebanhos», “um dos *loci sancti* do corpus pessoano”²⁴, como apontou Osvaldo Manuel Silvestre, no texto intitulado 'As Únicas Coisas Nobres Que a Vida Contém' referindo, como ponto de partida, o *incipit* do poema VIII:

Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.

em que o Menino Jesus, figura central do Cristianismo, é submetido ao efeito panóptico e reprodutivo dos média modernos (não apenas a fotografia), numa religião que, excluindo o protestantismo, aceitou o princípio da representação imagética de Deus”. Deste “Menino Jesus, definido pela sua corporeidade, esplendor do simbólico” se aproxima, se bem que noutros termos, o anteriormente referido interlocutor de Maria Teresa Horta, que assume, como o Menino Jesus de Caeiro, uma dimensão que parte do divino para chegar ao humano.

Maria Teresa Horta apropria-se do divino para o transmutar em humano, matéria mais próxima do que é profano e, nesse caminho literário, tem sido considerada a poetisa do erótico e do feminino por excelência²⁵. No livro *Minha Senhora de Mim*, de 1971, alvo de censura imediata pelo regime em vigor, ela escreve:

CINTO DE CASTIDADE

Como cinto-castidade
tenho o medo de perder-te
e o teu silêncio
fundo

13. SILVESTRE, Osvaldo Manuel, *Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do Livro do Desassossego*, Revista *MATLIT*. Materialidades da Literatura. Vol. 1, nº 1, 2013, pp. 89-112.

Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, 2013, pp. 89-112.

²⁵ AMARAL, Ana Luísa; FREITAS, Marinela, *Novas Cartas Portuguesas – Entre Portugal e o Mundo*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2014, p. 18.

onde crescem muitas pedras

Como cinto-castidade

este perder-me

de ter-te

meu cinto de castidade

toda a sedenta vontade

e todo o aço de querer-te²⁶

1.5 OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

Assim, esta dissertação aborda os livros de Maria Teresa Horta – *Anunciações*, *Anjos*, *Feiticeiras*. O objetivo é o de refletir sobre a importância do imaginário e do legado bíblico na construção da obra desta escritora por forma a entender como é que a sua mística redefine figuras incontornáveis da cultura Ocidental e que estão, intrinsecamente, ligadas ao universo religioso: Maria, mãe de Cristo, é entendida na sua dimensão sexual, longe do dogma mariano; os anjos são humanizados e capazes do prazer; as feiticeiras refletem o mistério do conhecimento feminino, conhecimento que está, em Maria Teresa Horta, ligado à ideia do corpo, do sexo, do erotismo.

Em toda a pesquisa, leituras feitas e entrevistas realizadas com a autora, o nosso objetivo permaneceu único: demonstrar a pegada do cristianismo na obra de Maria Teresa Horta, ela que renegou a fé na adolescência, e que se apropriou do universo das narrativas bíblicas para colocar a mulher num lugar de justiça, de paridade, sexualizado, explorado numa dimensão de prazer.

No primeiro capítulo, intitulado “narrativas divinas como ferramentas literárias” consideramos a dimensão psicanalítica da obra da escritora e poetisa, a sua reinterpretação das narrativas bíblicas, que conhece desde criança, e a perspetiva de assumir a existência

²⁶ HORTA, Maria Teresa, *Minha Senhora de Mim*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2015, p. 43.

de um Deus único, uma abordagem monoteísta, atribuindo a posição e existência divina, humanizando-a, ao marido a quem dedica todos os livros publicados até hoje. Os dois planos do universo, como os classificou Agostinho da Silva²⁷, um acessível e outro superior, não comportam a idealização espiritual de Maria Teresa Horta.

O que lhe importa, e é constante nas obras abordadas nesta dissertação, mas também em outras obras da sua autoria, é a humanização do divino e o seu contrário: a atribuição do divino ao humano. Neste sentido, a reflexão literária implica uma roupagem que inverte o cânone, que assume que o divino é profano e o profano é divino com características próprias do espectro emocional humano. Há bondade e maldade; desejo e prazer; poder e liberdade.

Este primeiro capítulo explana essa inteligência crítica e transfiguradora que é fundamental para a escritora. A construção simbólica e a imaginação apropriam-se do território das narrativas bíblicas, não para cumprir o cânone e as convicções do mesmo, mas antes para assumirem funções de ferramenta literária, subterfúgios narrativos que fazem ponte para as leituras e narrativas bíblicas, embora transformadas com o propósito de cumprir a mensagem pretendida, numa construção literária ímpar e inovadora.

Há um aspeto intelectual na maneira como a escritora reflete a religião e o seu legado histórico e narrativo. Deus é literário e instrumental para a construção narrativa na obra de Maria Teresa Horta. Em simultâneo, Deus está também ao serviço de uma causa feminista que é intrínseca a toda a obra referida. Por oposição, em confronto direto, provocando de forma inteligente, seduzindo sem qualquer pudor, Deus é apenas um peão narrativo que serve para cumprir literária e metaforicamente com o propósito da escritora.

No segundo capítulo, intitulado *Minha Senhora de Mim*, título de um dos primeiros livros de poesia da autoria da escritora e poetisa e que faz uma incursão consciente no universo mariano, partimos para a explorar da transfiguração do religioso. Maria é entendida de forma distinta – em entrevista, a autora dirá que todas as mulheres são Maria –, sendo a partir do dogma de Maria que Maria Teresa Horta começa por questionar a fé católica. Isto acontece na sua adolescência e, incapaz de aceitar o papel que a igreja Católica atribui

²⁷ SILVA, Agostinho da, *Textos e Ensaios Filosóficos I*, Lisboa: Âncora Editora, 1999, p.17.

à Mãe de Jesus Cristo, a escritora rejeita todo e qualquer contacto futuro com a religião institucionalizada.

Neste capítulo, temos por território privilegiado o romance-poema *Anunciações*, aí Maria surge como qualquer outra mulher, capaz da paixão, do desejo e prazer sexual, capaz de se zangar e de ceder. Não existem atitudes passivas nesta construção literária da mãe de Cristo.

Assim, *Anunciações*, é uma obra que reinventa e reinterpreta o episódio bíblico da Anunciação, a boa nova que o anjo Gabriel traz a Maria, anunciando a chegada do salvador, a imaculada concepção. A escritora rejeita a passividade de Maria – “Faça-se em mim a vontade do Senhor”, Lucas 1:38 – tal como é descrita nos evangelhos e atribui características a Maria que reclamam pela liberdade das mulheres, pela admissão e prática da sexualidade, sempre aliada ao desejo e à paridade. Gabriel e Maria envolvem-se numa relação amorosa de paixão e arrebatamento. A escritora explora essa paixão, os sentimentos contraditórios vividos por Gabriel, a zanga de Deus, a gravidez de Maria, criando simbolicamente uma Via Sacra: o livro divide-se em catorze estações simbolizando a Paixão, embora não a paixão e sacrifício de Jesus Cristo, mas sim a Paixão de Maria e Gabriel.

No terceiro capítulo procuramos analisar o livro intitulado *Anjos*. A autora, que afirma em diversas entrevistas públicas a sua crença absoluta na existência dos anjos, opta por os transformar em anjos humanizados, mais uma vez plenos e imbuídos do mesmo espectro emocional dos seres humanos, tornam-se profanos, terrestres, do designado universo não divino.

O livro divide-se em seis partes e os títulos são significativos para o entendimento que a escritora faz dos mesmos: *Anjos*; *Anjos do Apocalipse*; *Anjos do Amor*; *Anjos do Corpo*; *Anjos da Memória* e, por fim, *Mulheres Anjos*.

Não se trata apenas de humanizar e sexualizar as figuras dos anjos, por definição, assexuados. Ao longo dos séculos, podemos porventura afirmar que são relatados e representados como seres plenos de androginia. Maria Teresa Horta atribui-lhes emoções, sexualidade, bissexualidade, prazer, e, na maioria das vezes, não os relaciona com qualquer ideia de Deus. Quando o faz, reportando a Deus uma função literária, encara os

anjos como espiões. Apesar disso, na maioria das vezes, a escritora e poetisa vota os anjos ao livre arbítrio.

Há um certo misticismo assumido pela autora no entendimento que faz dos anjos e na maneira como invadem a sua poesia. Dirá, amiúde, que os anjos a espreitam.

O quarto e último capítulo é uma leitura possível do livro intitulado *Feiticeiras*. Os poemas reunidos têm uma clara inspiração medieval, reportam a autos de fé e a castigos corporais e sentenças de morte infligidas às mulheres que seriam, à luz da Igreja-instituição e dos homens, pessoas fora da norma, distantes da conduta e moral desejável.

Este é, parece-nos, um dos livros mais feministas de Maria Teresa Horta. Não só por invocar a religião como possível prática masculina revestida de características demoníacas na forma como entende e trata as mulheres, mas também por reivindicar para as mulheres o poder e liberdade de se erguerem, de serem mais do que os homens e as normas instituídas, social e religiosamente, possam impor. As mulheres com o poder de uma voz ativa. Este é, porventura, um dos objetivos centrais da obra de Maria Teresa Horta.

Partindo, como dito, do universo medieval e de uma pesquisa exaustiva sobre as práticas cometidas contra as mulheres, Maria Teresa Horta escreve um livro que abarca um conjunto de poemas que se assumem também contemporâneos. Para a autora, a luta feminista é – e sempre será – contínua, assumindo que as suas feiticeiras, as que surgem nos seus poemas, são ainda as mulheres de hoje, olhadas com desconfiança e temor, incompreendidas, lutando sempre perante as limitações impostas. Mais uma vez, o corpo, a dimensão erótica, está patente de forma vincada, reclamando, na nossa opinião, a ideia de que sexo é também poder e que pode e deve ser paritário.

Assim, se o imaginário coletivo atribui às feiticeiras características maléficas, próximas de uma construção demoníaca, Maria Teresa Horta opta por representar as feiticeiras como mulheres livres, capazes do bem e do mal, tal como os homens, com desejo e prazer, mulheres capazes de, simbolicamente, elevarem-se, reclamando autoridade, poder e ainda o privilégio de se assumirem como as primeiras feministas.

A conclusão desta dissertação pretende afirmar a importância do legado das narrativas bíblicas na obra de Maria Teresa Horta, sobretudo a partir da análise dos três livros referidos acima, mas também analisar essa influência como possibilidade de recriação,

transmutação de ideias e episódios, por forma a atribuir às mulheres poder, características divinas – um paralelismo com os anjos –, uma sexualidade plena, com desejo e prazer partilhado e paritário, ao mesmo tempo que se tecem mensagens de denúncia, de afirmação de poder.

A obra de Maria Teresa Horta é política e não é, na nossa opinião, possível dissociar a política e o exercício do poder da igreja enquanto instituição, enquanto *persona* da História, capaz de limitar e reorganizar social e moralmente a(s) comunidade(s).

O facto de termos escolhido para tema desta dissertação a análise de três livros da autoria de Maria Teresa Horta entrosando a sua construção e universo literário com o divino, com as instituições como a Igreja Católica, com o imaginário coletivo assente num entendimento particular das figuras dos anjos e das feiticeiras, afastou-nos claramente de analisar diversos trabalhos que têm sido publicados sobre a autora e a sua obra, ao mesmo tempo que nos aproximou de outros, cuja leitura foi benéfica e positiva para a construção de um raciocínio que fosse possível apresentar no contexto da Ciência das Religiões.

Em Maio de 2019, a Universidade de Lisboa organizou o primeiro Congresso Internacional Maria Teresa Horta que aconteceu em diferentes pontos da cidade de Lisboa. No contexto das múltiplas comunicações, o erotismo, a construção narrativa, as influências de outros autores e autoras, as escolhas estilísticas, a caracterização de personagens, foram temáticas abordadas e que, entre outras, promoveram o debate para um melhor entendimento da obra de Maria Teresa Horta. Não existiu, contudo, uma aproximação e atenção especial à temática religiosa e respetiva influência no conjunto da obra da autora, abordagem que acreditamos estar presente neste trabalho. Citando Joe Marçal dos Santos, que sintetiza a nossa ideia original de abordagem a este tema, pareceu-nos “promissor pensar a literatura como expressão da *produtibilidade da interpretação* dessa ‘civilização do livro’ sob profunda perda de sua referência ostensiva à objetividade do ser e do sentido, cuja expressão teológica está dada na ideia de esvaziamento sagrado”.²⁸

²⁸ SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos, *Literatura e Religião*, buscando um método, Brasil: 2012, consulta online <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n25p29>

No decurso da pesquisa, das leituras realizadas e das entrevistas pessoais a Maria Teresa Horta, o nosso objetivo permaneceu único: demonstrar a pegada do cristianismo na obra desta autora, que conta já com seis décadas de atividade literária e respetiva publicação, explorando a ideia de que o universo das narrativas bíblicas é uma ferramenta de construção literária que promove a vontade de pôr a mulher num lugar de justiça, de paridade, sexualizado e, obrigatoriamente, político e erótico.

2. NARRATIVAS DIVINAS COMO FERRAMENTAS LITERÁRIAS

“Saltério,

como aprendi a dizer ainda menina, levada pela mão e o entusiasmo de uma avó com quem vivia. Assim, fui seguindo na esteira da imensidade poética, sua beleza e excesso, sem medo de me perder no tanto mistério de adivinhamento de sentimentos, agruras e sentidos, de versos e ventanias, epifanias e destinos.

Constelações e imensidão do espaço – percebi muitos anos depois, diante da cerração das desmesuras, dos mistérios, dos estigmas.

Redenção?

Os poemas são o antídoto para o perdimento e o nada, a rasura e a mediania, aceite após aceite, tendo a poesia como essência extremada.”²⁹

Maria Teresa Horta mantém-se herdeira da sua educação infanto-juvenil no seio familiar³⁰, sobretudo da memória das narrativas lidas pela avó e que permanecem como património para inflamar todo o seu imaginário literário, tanto na dimensão poética como na ficcional.

²⁹ HORTA, Maria Teresa, *Salmos*, comunicação, 7ª Jornada de Teologia Prática, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2016, p.1.

³⁰ Entrevista citada.

Esta transfiguração das narrativas bíblicas a favor de uma obra literária reforça a ideia defendida por Carl Jung ³¹, a de que nomeamos a partir da crença – consequentemente, a autora não está ausente desse acreditar ou, se se entender, recupera a crença e o cânone para trabalhar o que pretende transmitir. Existe, de forma indiscutível, uma apropriação do imaginário religioso católico para o transpor para uma realidade que revela oposição.

A grande ousadia de Maria Teresa Horta é a de negar a crença e apostar na evidência concreta da existência de Deus, um único Deus, que afinal não existe mas que é reconhecido como essencial, tal como Elie Weisel o explicitou, ao dizer: “Pode não se ser a favor de Deus ou contra Deus, mas não se pode ser sem ele” ³². A poesia marcadamente erótica, onde Maria Teresa Horta atribui ao Outro, ao amante, a posição de Deus³³ – “onde tu és Deus” – é uma forma de considerar que o alvo do desejo é alguém onisciente, onnipresente, onnipotente, capaz de tudo, criador do momento do Eros e do Pathos.

Assim, o universo da escritora e poetisa afasta-se da noção de que o crente possa ser “aquele que divide o universo em dois planos irredutíveis, um dos quais lhe aparece como inferior e desprezível, o outro como superior e desejável”.³⁴ Agostinho da Silva escreve que “atributos divinos são a inteligência crítica e a vontade”³⁵ e Maria Teresa Horta disponibiliza e vislumbra neste único Deus, assim como nas figuras dos anjos, a possibilidade de uma outra narrativa, necessariamente não-bíblica, transfigurada e com uma antropologia quase totalmente humana³⁶.

São anjos apenas com o corpo dos homens

num corpo de mulher

³¹ JUNG, G. Carl, *O Homem e os seus Símbolos*, Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016, p. 19.

³² GAARDER, Jostein; Hellern, Victor; Notaker, Henry, *O livro das religiões*, São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 118.

³³ HORTA, Maria Teresa, *op cit*, p. 97.

³⁴ SILVA, Agostinho da, *Textos e Ensaios Filosóficos I*, Lisboa: Âncora Editora, 1999, p.17

³⁵ SILVA, Agostinho da, *op cit*, p. 41.

³⁶ HORTA, Maria Teresa, *op cit*, p. 508.

e um ligeiro crepitar de asas na altura dos ombros

Têm uma conotação

sexual de aventura

com a sua vagina entreaberta

e o seu clítoris tumefacto

e tenso à ponta dos dedos

Na cultura do imaginário³⁷, a imaginação é indissociável da construção simbólica, o que nos torna não apenas *Homo sapiens (sapiens)*, mas sim *Homo Symbolicus*. O imaginário e o simbólico levam-nos a um mundo de representações e, no caso da autora em estudo, a representação faz-se muitas vezes pelo avesso da norma e sempre com a consciência da desobediência, sendo o imaginário e simbólico um mistério tremendo e fascinante (*mysterium tremendum et fascinosum*)³⁸ ao qual não se consegue resistir, apesar de se recluir o seu chamamento.

“Os poemas são o antídoto para o perdimento e o nada, a rasura e a mediania, aceite após aceite, tendo a poesia como essência extremada. E igualmente espelho, onde se descobre refletida a nossa face, assim como as deslumbrantes asas de arcanjos e anjos mediadores de alma alvoroçada e fremente, detentores, quem sabe, de um imenso esplendor adivinhado... Toda a vida tenho convivido na sua companhia, tecida pelo meu imaginário, apesar de particularmente cedo me ter afirmado enquanto descrente, diante da indignação e pasmo da família.”³⁹

³⁷ ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez, *Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário*, Porto Alegre: Letras de Hoje, 2009, p. 41.

³⁸ SILVA, Evandro César Cantaria da; SILVA, e Clademilson Fernandes Paulino, *Oto Rudolf, O Sagrado: um estudo do elemento não-razional na idéia do divino e a sua relação com o racional*, São Paulo: São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.
http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Resenha_01_01.pdf página 3

³⁹ HORTA, Maria Teresa, comunicação citada.

2.1. INÚTIL NEGAR UM DEUS

A religião sempre teve um aspeto intelectual⁴⁰ e Maria Teresa Horta, ela que viveu a vida toda deslumbrada com os livros e com a possibilidade de correlacionar aspetos da vida gerando pensamentos que depois transpõe para a literatura, assume que o seu entendimento da realidade, mesmo que numa perspetiva metafísica, a sua maneira de entender o mundo e de como o mundo se deixa entender, está tocada pelas histórias infantis feitas a partir das narrativas bíblicas.

Não se trata, no caso do reconhecimento da existência da figura simbólica de Deus, de divinizar o que não é palpável. *Hierofani*, citado por Mircea Eliade⁴¹, o algo que é sagrado que se nos mostra, torna-se em Maria Teresa Horta como um veículo preferencial para contar uma história que procura sempre um entendimento, uma resposta metafórica para as inquietações, um gesto político de quem se insurge face ao estado das coisas, à situação da mulher em concreto. A realidade que não pertence ao mundo, que é espiritual, distante do mundo profano, é património impregnado na escritora que mais não faz que o utilizar para reinterpretar o mundo.

Apesar de interrogar o mundo e de renegar qualquer estrutura de fé, a escritora assume, consciente ou inconscientemente, a utilização da ideia de Deus sem se interrogar de onde vem, onde está, como é. É um dado adquirido, fruto da sua educação. Nega a existência de Deus, contudo, na sua poética e ficção existe a invocação da figura como sendo algo paternal e ordenador do caos do mundo, reconhecendo a existência de um ser divino, um único Deus. E esse Deus que aprendeu a reconhecer em criança, através da avó, é quase da ordem natural das coisas, portanto faz uso dessa a figura, desse símbolo, sem qualquer discurso autoexplicativo, negando-o, mas assumindo a sua pertinência como instrumento de construção ficcional.

É inútil

negar um deus

por cada horizonte⁴²

⁴⁰ GAARDER, Jostein; Hellern, Victor; Notaker, Henry, *op cit.*, p. 21.

⁴¹ GAARDER, Jostein; Hellern, Victor; obra citada, p. 21.

⁴² HORTA, Maria Teresa, *op cit*, p. 100.

Assim, a configuração ontológica do mundo passa necessariamente por Deus, talvez não tanto quanto Deus Pai a quem se pede, de quem se espera consolo e atenção, possibilidade de coexistência na solidão dos problema do mundo, mas sempre na excelência da concepção da Unidade – parte assumida do drama humano –, do Um, da Totalidade, “nostalgias que se revelam nos mitos e nas crenças e se enalteciam nos ritos e nas técnicas místicas.”⁴³

Carl G. Jung afirma que não há experiência possível sem “uma consideração reflexiva”⁴⁴ e, nesse sentido, Maria Teresa Horta assimilou os ensinamentos católicos com uma atitude de interrogação e não de aceitação, rejeitando assim o “*consensus gentium* partilhado por um grupo maior”⁴⁵ e dominante.

Se o ritual é a prática que provoca “o efeito do numinoso mediante artifícios mágicos como, por exemplo, a inovação, a encantação, o sacrifício”⁴⁶, como refere Rudolf Otto, no caso de Maria Teresa Horta o conhecimento dos rituais católicos parece ter aprimorado a sua capacidade de utilização do imaginário religioso em prol da literatura, ao mesmo tempo que recusa o exercício, a repetição dos mesmos ritos como aceitação de uma ideia de divino, transcendente, poderoso e controlador.

Apesar disso, a escritora escreve como alguém que reconhece a matéria divina, o transcendente, o numinoso. Recusa, porém, a fidelidade às ideias apresentadas pela instituição, mostrando que não possui *pistis* ou confiança nos ensinamentos adquiridos. O que lhe parece importar é a transfiguração das personagens bíblicas, da poética inerente ao cânone católico por forma a conseguir expressar a sua liberdade, a sua condição feminina, a sua não-aceitação de uma regra imposta por uma instituição. Para a escritora, os dogmas – especialmente o de Maria – é um dogma vivo e passível de ser (re)interpretado. Os quadros pré determinados não parecem suscitar qualquer interesse, é uma memória e um conhecimento adquirido cuja finalidade é a transformação em matéria literária. Na essência, na obra hortaliana o *homo religious* é matéria de criação, processo de reinvenção, é Literatura.

⁴³ ELIADE, Mircea, *Mefistófeles e o andrógino* <http://ebiblioteca.org/?/ver/64416>, consultado a 10 fevereiro de 2017, p. 47.

⁴⁴ JUNG, Carl G., *Psicologia e Religião*, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009, p. 4.

⁴⁵ JUNG, Carl G., *op cit*, p. 5.

⁴⁶ OTTO, Rudolf, *O Sagrado*, São Paulo: Imprensa Metodista, 1985, p. 180.

Maria Teresa Horta, numa atitude que muitos podem considerar como arrogância – *hybris* – obriga a que Deus desempenhe um papel que é eficaz na construção da Literatura, sem quebrar a barreira do humano e do divino, esperando sempre esse olhar de vigia do ser supremo, mesmo que lhe seja impossível reconhecer a sua existência através do exercício de uma fé pessoal.

O desejo inato de romper com Deus⁴⁷ acontece nas diferentes obras desta escritora e, assim, se o propósito dos evangelhos não era a veracidade histórica, e sim a proclamação de uma mensagem⁴⁸, no universo hortaliano, Deus serve um propósito e não é múltiplo, não deriva da natureza, não é animista, é absolutamente Um e Uno.

Quem é Deus para a escritora? Esse assumir da existência divina, independente de uma religião estruturada, faz com que a ligação – Deus e Homem – implique que Um cria o Outro, que o Outro tem origem divina e essa presunção implica que o Homem é “responsável perante Deus por tudo o que faz, ritual, moral, social e politicamente”⁴⁹. No caso de Maria Teresa Horta, teremos de acrescentar uma dimensão que remete para uma responsabilidade literária, intelectual, ética e política. Deus serve como ferramenta literária e como pretexto para inovar causas, debater ideias, contrariar pensamentos e comportamentos sociais e culturais. Deus é a moldura de enquadramento para questionar, para pôr em causa.

Consideremos então a cultura da imaginação⁵⁰, e a forma como influenciou a escritora, permitindo isolar a questão da fé, de uma prática religiosa, da sua vida, mas não da sua escrita. A imaginação simbólica pode explorar patamares originais, contudo está impregnada do que constitui o ADN cultural do indivíduo e, para Maria Teresa Horta, a existência de um Deus deve-se porventura a uma “dimensão figurativa altamente pregnant do ponto de vista simbólico, que está vedada ao mero raciocínio ou à simples percepção sensível”⁵¹.

⁴⁷ GAARDER, Jostein; Hellern, Victor; *op.cit*, p. 162.

⁴⁸ GAARDER, Jostein; Hellern, Victor; *op cit*, p.146.

⁴⁹ GAARDER, Jostein; Hellern, Victor; *op cit*, p. 34.

⁵⁰ ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecilia Sanchez, *Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário*, Porto Alegre: Letras de Hoje, 2009, p. 7.

⁵¹ ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecilia Sanchez, *op cit*, p. 8.

Se há uma insistência de Deus “significa que Deus insiste na existência, e esta, por sua vez (...) pode ser identificável com as questões da oração”⁵², para Maria Teresa Horta este princípio está longe de se aplicar. Deus é literário. Deus não é salvador ao nível individual, Deus existe enquanto personagem e, enquanto personagem, surge com todas as características antropológicas do ser humano: zangado, ciumento, alegre, triste.

Na obra desta autora sobressai em especial a autoridade de Deus e respetiva ira, já que o aspeto benevolente parece ter sido esquecido ou, simplesmente, não cumprir os requisitos para que, literariamente, seja possível trabalhar esse registo benevolente nas diferentes narrativas e poemas da autora. E, se Deus precisa de nós como nós precisamos dele⁵³, fora das narrativas bíblicas, dos ensaios e trabalhos académicos, das ficções de autores com Fé, desta ou a de uma outra religião, o Deus de Maria Teresa Horta cumpre uma função para com a escritora e para com o leitor. Em simultâneo, a escritora prossegue a ideia de considerar que Deus é um homem, utilizando uma linguagem apropriada ao género.

como quem diz
a prece condenada
perante um deus maligno e antigo

vingativo

violento

viciado⁵⁴

3. MARIA, MINHA SENHORA DE MIM

⁵² CAPUTO, John D., *The Insistence of God*, Indiana University Press, 2013, p. 27.

⁵³ CAPUTO, John D., *op cit*, p. 29.

⁵⁴ HORTA, Maria Teresa, *op cit*, p. 203.

A primeira incursão literária de Maria Teresa Horta no universo mariano dá-se em 1971 com o lançamento do livro *Minha Senhora de Mim*. Trata-se de reclamar para a figura central do universo feminino – o exemplo mais pungente que a sociedade possui do que deve ser uma mulher de acordo com o cânone – uma realidade outra, uma outra dimensão do feminino ao mesmo tempo que denuncia a situação da mulher portuguesa no início da década de setenta do século XX.

A repressão, a falta de liberdade de movimentos (era necessário solicitar autorização ao pai ou ao marido para sair do país; uma mulher não podia ter uma conta bancária em nome individual; não era possível o acesso à carreira diplomática, magistratura, ou carreira militar), a disparidade de condições e, sobretudo a ausência de liberdade, fazem com que este livro, *Minha Senhora de Mim*, seja imediatamente apreendido pelas autoridades. Uma das razões invocadas pelas autoridades é o título: a provocação de escolher um título que remete para o catolicismo, para o culto mariano e, ao mesmo tempo, a opção pela poesia marcadamente erótica, apresentando uma ética e abordagem em rutura com o estabelecido.⁵⁵

Minha Senhora de Mim

Comigo me desavim

minha senhora

de mim

sem ser dor ou ser cansaço

nem o corpo que disfarço

Comigo me desavim

minha senhora

⁵⁵ HORTA, Maria Teresa, *Poesia reunida*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009, p. 21.

de mim

nunca dizendo comigo

o amigo nos meus braços

Comigo me desavim

minha senhora

de mim

recusando o que é desfeito

no interior do meu peito⁵⁶

Apesar do tom trovadoresco e de nenhuma menção clara à Igreja Católica ou ao catolicismo – exceção feita no título -, o livro foi apreendido e apenas reeditado em 2016. Sem se atemorizar com a oposição das autoridades, a poetisa permaneceu fiel à necessidade de escrita. A opção pela escrita livre, sem compromisso ou medo, expondo uma criatividade e entendimento particular do estado do mundo, com uma conceção ética e política concreta, valeu à escritora diversas reprovações e recriminações, não só do poder instituído, da Igreja Católica, mas também dos críticos literários e da academia.

De facto, não é difícil constatar que a obra de Maria Teresa Horta é atravessada, quer de modo implícito como explícito, por uma rutura com o regime político vigente, um regime associado inevitavelmente à Igreja Católica, como o foi no longo período anterior à revolução de 1974. Há uma visão de aprisionamento no cristianismo que provoca, em especial em Maria Teresa Horta, uma revolta que continuará a vincar a sua obra. A mulher invisível⁵⁷ na Igreja é também a mulher passiva e escondida na

⁵⁶ HORTA, Maria Teresa, *op cit*, p. 304.

⁵⁷ DIAS, Maria Julieta Mendes, *A mulher na Igreja*, Lisboa: Cadernos de Ciência da Religião, Centros de Estudo em Teologia/Ciências da Religião, 2003, p. 7.

sociedade e essa é a rebelião da escritora em estudo. De certa forma, a luta é também uma oposição ao patriarcado, ao mundo feito à medida e dimensão masculina que, necessariamente, também forjou a Igreja, a noção de feminino na Igreja e impôs regras e comportamentos distintos.⁵⁸

E para a Igreja Católica a palavra mulher significa de imediato o quê? O “manifesto e imediato”⁵⁹; está, no caso, estreitamente ligado à ideia de fraqueza, subalternidade, dependência, mas também de bondade e serviço; ao mesmo tempo, é quase obrigatório referir a dimensão demoníaca – fruto do pecado original e da representação de Eva. Esta é a percepção de Maria Teresa Horta, ela que continua a exigir o estatuto da liberdade, reivindicando às instituições e à religião uma dignidade para a posição da mulher⁶⁰.

“A exigência de uma igualdade efetiva entre os sexos adquire novos matizes a partir da publicação de *Le Deuxième Sexe* (1949), de Simone de Beauvoir, obra decisiva para o aparecimento de uma nova consciência da situação de inferioridade a que a mulher continuava sujeita”, escreve Maria João Reynaud no perfil poético incluído no volume *Poesia Reunida*⁶¹.

Uma das suas armas é – e será sempre – a palavra escrita e a possibilidade de transfigurar o que tomamos como criação herdada da tradição e proporcionar um reajustamento. É o que faz no livro *Anjos*, de 1983, ou no livro *Feiticeiras*, de 2006, mas sobretudo há uma presença clara do religioso, e da sua herança familiar, no livro *Anunciações*, de 2016.

3.1 TRANSFIGURAR O RELIGIOSO

No livro, *Anunciações*, a escritora recria o episódio bíblico entre Maria e o anjo Gabriel, devolvendo a Maria uma dimensão feminina e sexual que é claramente roubada à mãe de Cristo através da perpetuação de uma ideia de imaculada concepção e da construção de uma teologia sobre a sua pureza.

⁵⁸ DIAS, Maria Julieta Mendes, *op cit*, p.10.

⁵⁹ JUNG, Carl, *Chegando ao Inconsciente* in *O Homem e os seus Símbolos*, Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016, p. 19.

⁶⁰ BUTLER, J., *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasil, 2003, p. 17-19.

⁶¹ HORTA, Maria Teresa, obra citada, p. 22.

É uma figura que está em oposição à de Eva ou até mesmo de Maria Madalena. Aqui, Maria Teresa Horta reconstrói a simbologia do encontro entre a mãe de Jesus e o anjo Gabriel para apostar numa paixão, num encontro sexual. O resgate que Deus faz do seu anjo preferido, conforme escrito em *Anunciações*, obriga a que Maria tenha de se submeter, de novo, à condição solitária, impossibilitada de viver esse encontro amoroso na sua plenitude.

Maria Teresa Horta (re)vê em Maria o que podia ser a sua dimensão de mulher, mas mantém a ideia de que Deus é mais forte, é poderoso, é quem manda. Num dos últimos poemas do livro, a zanga de Maria com Deus é também a zanga pela luta ineficaz de O combater, de levar a melhor. Assim, em vez de resgatar a figura de Maria, permitindo-lhe um destino com visibilidade, com sentido de amoroso, o livro termina com a implicação de que a maternidade é o que lhe resta. A desolação e desgosto amoroso da personagem criada por Maria Teresa Horta remete, mais uma vez, para um carácter solitário e desprotegido. A pouca importância atribuída ao filho por nascer, ao anúncio que o designa como salvador, é compreensível à luz da importância dada pela escritora ao encontro amoroso e sexual. Esse é o encontro crucial por implicar gestos de liberdade por parte de Maria, por invocar desejos e vontades e, em especial, uma não-submissão.

Há uma dimensão de luta contra o cânone católico que é um gesto político cujo objetivo é o de reclamar a libertação da mulher, a paridade a nível sexual, o desejo e o prazer. A autora constrói Maria um “símbolo rigorosamente novo e pagão”.⁶²

Nomear Maria é significativo e representativo de uma ideia que se mantém há centenas de anos e que, no entendimento da autora, diminui as mulheres no geral. Nomeamos as mulheres com um nome baseado numa crença⁶³. A apropriação ficcional da narrativa mariana permite a Maria Teresa Horta (re)criar a existência possível da mãe de Cristo, conferindo-lhe uma densidade feminina que não existe em qualquer evangelho sinóptico.

⁶² MENEZES, Raquel, *A parte que é anjo em Maria Teresa Horta, Ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta, O Sentido Primeiro das Coisas*, edição Conceição Flores/Bons Costumes/Jovens Escribas, Brasil, 2015, p. 426.

⁶³ JUNG, G. Carl, *O Homem e os seus Símbolos*, Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016, p. 19.

Assim, o universo ficcional da escritora e poetisa afasta-se da noção de que o cristão possa ser terreno e inferior. Em *Anunciações*, Maria Teresa transfigura o legado do Novo Testamento, do pouco que sabemos sobre Maria, mãe de Jesus Cristo. No seu imaginário, na forma como culturalmente o imaginário⁶⁴ é expresso, o simbólico importa, mesmo que carregado de religiosidade e, de novo, assume-se a condição de *Homo Symbolicus*.

A representação, apesar da transmutação constante e de uma humanização mais próxima da realidade contemporânea da escritora, não deixa de ser uma representação a partir do tecido que compõe o cristianismo.

3.2. MARIA HUMANIZADA

Neste livro, *Anunciações*, Maria não se interroga perante Gabriel, não aceita qualquer mensagem do divino. Gabriel não é um mensageiro alado com as características divinas que aprendemos na narrativa bíblica. Este *angelus* é humanizado por Maria Teresa Horta. O livro é composto por poemas, mas intitula-se também romance, já que possui uma unidade narrativa contínua e temporal e é através desse artifício que se compõe o relato.

A abordagem que Maria Teresa Horta desenha de Maria é uma desconstrução do que é aceite e está impregnado na narrativa coletiva. É uma abordagem que vai, consciente e deliberadamente, contra o dogma estipulado pela Igreja Católica Apostólica Romana. O ato de heterodoxia da escritora, porém, pode ser igualmente entendido como um caminho de compreensão e de humanização de Maria e ainda do Arcanjo Gabriel, não sendo esta a primeira vez que a escritora se ocupa da figura dos anjos. Já antes, no seu livro de 1983, *Anjos*, a existência corpórea é debatida, levantando a hipótese de que os anjos possam ser do corpo, do amor. O Eros passa a ser o significante da transição entre o humano e o divino.⁶⁵

⁶⁴ ARAÚJO, Alberto Filipe; TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez, *Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário*, Porto Alegre: Letras de Hoje, 2009.

⁶⁵ SOUZA, Ana Santana, ensaio, *Um pacto com aquilo que voa: viagem em companhia dos anjos de Maria Teresa Horta, Ensaios sobre a obra de Maria Teresa Horta, O Sentido Primeiro das Coisas*, vários autores, edição Conceição Flores/Bons Costumes/Jovens Escribas, Brasil, 2015.

Existe claramente uma meditação no encontro da Mulher com o Anjo, um encontro quase que mágico⁶⁶. Considerando o conjunto das obras da autora encontramos uma propensão para refletir sobre o físico, o corpo, sobre as emoções relacionadas com os estados corporais, com a ideia de desejo e de prazer na perspectiva feminina. Neste livro, o que a narrativa é “corporiza o mistério, não o quer sublimar. Ou melhor, sublima-o, precisamente porque o materializa”.⁶⁷

3.3 A SOMBRA ENTRE MARIA E GABRIEL

*Anunciações*⁶⁸ de Maria Teresa Horta começa por surpreender pela utilização do plural no título. A capa escolhida pela autora é uma Anunciação de Sandro Botticelli (1445-1510), datada de cerca de 1489 (obra encomendada por Benedetto de Ser Giovanni Guardi para a sua capela na Igreja de Cestello, sendo que este retábulo é conhecido como a Anunciação de Cestello). O autor pintou mais duas outras Anunciações, mas esta é a única em que o Anjo e Maria estão entrepostos pela sombra oblíqua que parte do corpo de Gabriel.

O Papa Gregório Magno, citado por E.H.Gombrich, terá dito que a pintura permite que os analfabetos possam entender, da mesma forma que a escrita serve os que lêem.⁶⁹ Dialogando com a iconografia existente e com textos bíblicos, Maria Teresa Horta recria uma história possível, “uma narrativa em que o humano se sobrepõe ao divino.”⁷⁰

Terão os amantes de pintura considerado a sombra neste retábulo de Botticelli? Serão as manifestações do divino sombra? Ou serão puras e, portanto, despojadas de tal? José Tolentino de Mendonça⁷¹, sobre este livro, afirma que a sombra é uma “grafia da carnalidade, estando comumente do lado dos corpos históricos e ausente dos espíritos puros.” Na perspectiva da poética de Maria Teresa Horta, pouco importa a estabilidade do

⁶⁶CENTENNO, Yvette, *Uma Fascinante leitura de Anunciações*, <<http://literaturaearte.blogspot.pt/.../maria-teresa-horta-anunciações.html>... Lisboa, 22 de Outubro, 2016, consultado a 29 de Novembro 2016.

⁶⁷ CENTENNO, Yvette, *blog* citado.

⁶⁸ HORTA, Maria Teresa, *op cit.*

⁶⁹ GOMBRICH, E.H. no livro *A História da Arte*, Lisboa: edição Público, 2005, p. 58

⁷⁰FLORES, Conceição, *Anunciações: a via gozosa de Maria*, comunicação, Congresso Norte-Nordeste da Associação Brasileira de Professores de Língua Portuguesa, Natal, 9, 10 e 11 de Novembro 2016.

⁷¹ MENDONÇA, José Tolentino, Lisboa: Jornal de Letras, , 2016.

binómio, valorizando-se a exploração e ambivalência do que é ambíguo, “o gracejado inaudito de uma deslocação entre corpo físico e corpo místico, a pergunta.”

Para Maria Teresa Horta o que está em causa é a possibilidade de reescrever o que vem relatado nos evangelhos, tomando como sua a opção de humanizar o anjo, ele que sentirá⁷² na face “finalmente/uma lágrima humana a deslizar/o eterno deixa de o ser/ nesse momento”. Muito antes desta transfiguração, a poetisa descreve o primeiro passo para essa humanização através da impossibilidade, ou a negação, da sua função de mensageiro, toldado pelo enamoramento. No poema *Saudação*⁷³ a Maria, lê-se:

- Saúdo-te Maria, cheia de graça!

Volta a dizer o anjo

sem respiração

olhando-a tolhido de estranheza

tão deslumbrado ao revê-la

que novamente esquece

os termos da Anunciação

como o Senhor ordenara

mas Gabriel, aturdido

ao ver Maria

não os lembra

⁷² HORTA, Maria Teresa, *op cit*, p. 224.

⁷³ HORTA, Maria Teresa, *op cit*, p. 39.

É a segunda vez que, neste livro de Maria Teresa, o anjo surge a Maria, mantendo-se imóvel e mudo, incapaz de cumprir com a sua tarefa de mensageiro de uma boa nova. Este diálogo silencioso entre as duas personagens continua em outros poemas da autora até ao momento em que Gabriel, no poema intitulado *Condição de Mulher*⁷⁴, consegue murmurar

- Serás para além
da tua condição de mulher

E a *anunciação* permanece por nomear, totalizando-se no fim do livro um conjunto de anunciações – que dão lugar ao título e ao plural porventura inesperado – por se conseguir dizer que não há uma nova que seja transmitida, mas várias e de origens distintas: a nova da chegada de alguém como o anjo; a nova do encontro amoroso; a nova do desejo e consumação do desejo; a nova da ira de Deus; a nova da zanga de Maria face a esse Deus que lhe nega a felicidade. Maria e Gabriel são tomados de assalto por uma paixão que é consumada e que leva à transformação do anjo em homem, capaz do prazer, do sexo, da paixão e, fruto de tudo isto, gera-se o tormento de Gabriel por sentir ser incapaz de estar contra Deus, contra o plano de Deus.

No poema *Mapas Astrais*⁷⁵, um poema longo, Maria Teresa Horta descreve como Maria, depois do desejo e do prazer, encara a perplexidade e transformação do amante por amor a Deus.

do teu deus o que não dizes

da paixão e do prazer

do gosto que tens comigo

em lentas metamorfoses de etéreo e incorpóreo

a mudares o impreciso

⁷⁴ HORTA, Maria Teresa, *op cit*, poema *Condição de Mulher*, p. 43.

⁷⁵ HORTA, Maria Teresa, *op cit*, poema *Mapas Astrais*, p. 165.

Fico a ver-te traçar
os cometas desviantes
em mutações indecisas

na recusa do ascético
transfigurando, alterando

transmutando o indevido
até chegares ao humano
em humano convertido

a ganhares o corpo
físico
na perda do corpo místico

3.4 ESTRUTURA E OPÇÕES NARRATIVA

Anunciações é estruturado com a escrita de um Prólogo, a que se segue uma narrativa partida em catorze estações que simbolizam a Paixão de Cristo, a Via Sacra, como se a história aqui narrada tivesse um potencial de dor reconhecido à partida, mas desta vez impresso na vida de Maria. Partir o livro em catorze estações foi uma opção deliberada e a autora explica que pretendeu aludir ao nascimento e morte de Cristo ao mesmo tempo que reescrevia este episódio da vida e Maria.⁷⁶ Para a autora, esta é a possibilidade de ver Maria numa outra dimensão, ou perspetiva, e ainda a possibilidade

⁷⁶ HORTA, Maria Teresa, Lisboa: Jornal de Letras, 2016.

de a dotar de um comportamento feminino com sexualidade inerente, expressão de sentimentos, desejos e emoções, transfigurando a mãe de Cristo em alguém para lá da submissão imediata à mensagem de Deus. A Maria do imaginário das igrejas cristãs é personagem ausente; é outra Maria.

Até à Sétima Estação do livro, Maria e Gabriel aproximam-se e a anunciação que se dá é a deles, a do seu reconhecimento mútuo e enamoramento. Depois há o encontro carnal, a gravidez de Maria, o tormento de Gabriel, a ira de Deus, os outros anjos enviados como espiões do Senhor para resgatar aquele que caiu de uma forma distinta; de seguida, assistimos à zanga de Maria com Deus, Deus que não lhe responde. E aqui Deus revela-se para autora como o ser supremo, “es supremum” como descreve John D. Caputo, que estando tão alto se torna inacessível para esta Maria que mostra descontentamento, embora não descrença.⁷⁷

Maria Teresa Horta “alça a sexualidade banida pelos textos bíblicos a mola propulsora da concepção de Maria”, contudo não é só a sexualidade que está em causa, é ainda o erotismo, o desejo, a “sexualidade transformada”.⁷⁸

António Carlos Cortez, numa recensão crítica ao mesmo livro, afirma que Maria é a mulher – toda a mulher – que tem direito a receber a palavra do Anjo e a fazer dessa palavra a carne que será Cristo, sendo que “a transformação – a metamorfose – que mais importa ver é que a palavra poética opera: o anjo humanizado – Deus em Gabriel – será corpo de desejo que na interação com esse “eu” feminino do enunciado, faz com que Maria se redescubra mulher.”⁷⁹

De realçar ainda que um conjunto de poemas, que funciona como uma soma de interpelações de Maria a Deus na sequência do afastamento/desaparecimento de Gabriel, não existe nunca qualquer resposta por parte de Deus. Maria Teresa Horta nega-se a

⁷⁷ CAPUTO, John D., *Folly of God*, Polebridge Press, Salem Oregon, 2015, p. 1.

⁷⁸ FLORES, Conceição, *Anunciações: a via gozosa de Maria*, comunicação, Congresso Norte-Nordeste da Associação Brasileira de Professores de Língua Portuguesa, Natal, 9, 10 e 11 de Novembro 2016.

⁷⁹ CORTEZ, António Carlos, recensão crítica, *Jornal de Letras*, Julho 2016.

inventar a voz de Deus, preferindo que Maria fale “sozinha porque não quis, nem consigo, responder por Deus.”⁸⁰.

Assim, esta Maria que não acata o que encontramos no Evangelho - “Faça-se em mim a vontade do Senhor” (Lucas 1:38), - é uma Maria sexualizada, desobediente, reivindicativa, capaz do amor e da zanga. Uma Maria mais próxima de todas as mulheres. Parece ter sido essa a intenção da escritora. Mas não se trata aqui de ignorar todo um património bíblico, pelo contrário. Maria Teresa Horta, como dito anteriormente, educada pela família dentro da Fé Católica, da qual se afastou cedo, recorreu à Bíblia para escrever este livro, assim como a outras leituras de cariz religioso, o que nos permite encontrar nos diferentes poemas, sobretudo no prólogo, alusões ao livro de Génesis. E é no prólogo que a autora nos inicia desde já numa dimensão cósmica que depois transparece no resto do livro.

Como complemento do que anteriormente explicitámos, a própria autora, durante a 7ª Jornada de Teologia Prática realizada na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa (2016), tendo sido a autora convidada a participar no âmbito do tema “Literatura como aventura espiritual”, apresentou o texto intitulado *Salmos*, do qual extraímos este um excerto significativo da proximidade e conhecimento profundo dos textos bíblicos:

“Depressa encontrei os Salmos e a sua desmesura, que então não consegui entender sem susto, numa espécie de recuo e fechamento; só voltando a eles tantos e tantos anos mais tarde, pela mão de uma outra minha avó espantosa, que vertiginosamente atravessou os séculos XVIII e XIX. Refiro-me a Leonor de Almeida Portugal, Marquesa de Alorna, poetisa das Luzes, sobre quem escrevi um romance com o título *As Luzes de Leonor*. Foi ela, digamos assim, que me levou pela mão até ao *Livro dos Salmos*, publicado, após a sua morte, por duas das filhas que, em 1844, promoveram a edição da sua obra completa pela Imprensa Nacional em seis volumes, dos quais o maior é precisamente o da *Paráfrase dos Salmos*, um trabalho absolutamente notável, caído no esquecimento como demasiadas vezes acontece no nosso País. E é este olhar poético sobre os Salmos – dela, Leonor de Almeida – que aqui vos trago hoje. [...] *Paráfrase dos Salmos* que ela, Leonor de Almeida, no final oferece à Pátria, consciente da imensa dimensão do

⁸⁰ HORTA, Maria Teresa, entrevista citada.

próprio incansável labor, como lembra a professora Vanda Anastácio no seu magnífico trabalho, *Alcipe e os Salmos*”.⁸¹

A autora dá-nos, depois das catorze Estações, um Epílogo e logo a seguir um *Post-Scriptum* intitulado *Carta a Maria*. É aí que a relação entre Maria, mãe de Jesus, é explorada com laivos de solidariedade ao mesmo tempo que se dá a conhecer a relação que ela, Maria Teresa Horta, estabeleceu “desde o meu início” com a figura de Maria. A escritora adianta que a sua cisão com o catolicismo se deve ao facto de nunca, desde criança, ter compreendido o dogma da Igreja face à mãe de Deus, o conceito de virgindade e, ainda, a discussão sobre os anjos como neutros, assexuados.⁸² E, neste poema, *Carta a Maria*⁸³, a autora procura dizer que percebe Maria, a outra Maria, e que a imagina, narra, adivinha e invoca, supondo conhecê-la.

Assim sendo, e porque sabemos que Maria Teresa Horta sempre se prontificou a dar rosto à causa das mulheres – afirmando-se em inúmeras ocasiões como feminista – e não é de estranhar que neste livro encontremos de novo essa luta a favor do feminino e da vivência total do corpo pelo feminino, contra a submissão imposta. A afirmação de Simone de Beauvoir que indica que o cristianismo não contribuiu “pouco para a opressão das mulheres”⁸⁴ é partilhada por Maria Teresa e, nesse sentido, o desafio de reescrever Maria, de lhe conferir um lado feminino, originou esta obra, *Anunciações*.

4. ANJOS CAÍDOS DA BÍBLIA

O livro *Anjos* subdivide-se em seis partes: Anjos; Anjos do Apocalipse; Anjos do Amor; Anjos do Corpo; Anjos da Memória; Mulheres Anjos.

Estes anjos, erotizados, com reconhecimento da possibilidade da pulsão sexual, são contrários aos anjos bíblicos e, conseqüentemente, uma provocação confessa face às

⁸¹ HORTA, Maria Teresa, *Salmos*, Lisboa: 7ª Jornada de Teologia Prática realizada na Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2016.

⁸² HORTA, Maria Teresa, entrevista citada.

⁸³ HORTA, Maria Teresa, *op cit*, poema *Carta a Maria*, p. 317.

⁸⁴ BEAUVOIR, Simone de, *Segundo Sexo*, Lisboa: Relógio d'Água, 2015, p. 20.

ideias religiosas.⁸⁵

Apesar das diferenças, os anjos mantêm características em comum, nomeadamente ao nível emocional, com os anjos que encontramos nos Evangelhos. Em Lucas 2:13-14⁸⁶ podemos ler: “De repente, juntou-se ao anjo uma grande multidão de anjos. Cantavam louvores a Deus, dizendo: Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens por Ele amados”.

Na obra de Maria Teresa Horta os anjos possuem emoções, cantam louvores, num coletivo que celebra, deduz-se, com alegria. As emoções são muitas vezes de outro espectro emocional, tal como escreveu neste poema⁸⁷, reforçando a possibilidade de um lado negro na vida e atitude dos anjos, apostando sistematicamente numa antropologia humana para considerar os seus anjos.

Caminham com estandartes

com espadas e paixão

numa ereção calada

São anjos do ódio

com a sua raiva

alada

Além do aspeto emocional, o poder da memória e da inteligência patente nos anjos de Maria Teresa Horta⁸⁸ é reforçado poema a poema, como se os anjos fossem historiadores ou testemunhas de quem os vive/deseja.

Anjos alados

⁸⁵ HORTA, Maria Teresa, *op cit*, p. 508.

⁸⁶ BÍBLIA, *Novo Testamento, os quatro evangelhos*, volume I, tradução Frederico Lourenço, Lisboa: Quetzal, 2016, p. 229.

⁸⁷ HORTA, Maria Teresa, obra citada, p. 514.

⁸⁸ HORTA, Maria Teresa, obra citada, p. 532.

Da memória

com as suas asas

de pérgula

e medronho

a voarem noite dentro

pelo sonho

E, porventura, justifica-se estabelecer um paralelismo com esta passagem bíblica:

“A eles foi revelado que não para si mesmo, mas para vós, exerciam esse mistério, que agora vos foi anunciado por aqueles que vos pregam o evangelho, pelo Espírito Santo enviado do céu, e ao qual os anjos desejam ardentemente perscrutar” (Pedro 1:12)⁸⁹

O paralelismo é passível de ser estabelecido se atendermos que a memória e o sonho pertencem de forma concreta e simbólica ao mundo do conhecimento e que os anjos, tal como os homens, querem assimilar.

O abandono sistemático da ideia de Deus como ordem e vontade suprema, tendo os anjos como pregadores, mensageiros ou espiões, é um dos motes de Maria Teresa Horta, ela que prefere abandonar os seus anjos a um potencial livre arbítrio. Para a autora, o erotismo, a sexualidade e o prazer equivalem a conhecimento e, nesse sentido, não existe uma supremacia masculina, apenas um impedimento histórico que não permite às mulheres alcançarem o mesmo nível de saber.

A leitura da Bíblia foi uma rotina da infância e adolescência da escritora e, para efeitos de construção de universos ficcionais, continua a ser material de inspiração. A humanização dos anjos, capazes de emoções e desejos, não é apenas apanágio da sua

⁸⁹ BÍBLIA, Jerusalém, São Paulo: edição Paulos, 1980, p. 2271.

poesia. Muitas são as transfigurações e interpretações dos anjos na Literatura e nas Artes. A título de exemplo, podemos referir o filme de Wim Wenders de 1987, *Asas do Desejo*, feito a partir de um argumento conjunto de Peter Handke e do realizador, quatro anos após a publicação do livro da autora. A conceção quase que exclusiva do universo infantil dos anjos da guarda, anjos que vigiam e se comovem com os males da Humanidade, tem sido retomada ciclicamente em vários formatos criativos, provando que os anjos se oferecem a interpretações distintas e nem sempre religiosas.

No caso de Maria Teresa Horta podemos verificar através do poema que dá título ao seu primeiro livro publicado, *Espelho Inicial*⁹⁰, de 1960, que os anjos e uma conceção de céu que derivam da matriz educacional, são reinventados e marcam presença inaugural num universo ficcional, entre o divino e o profano, com múltiplas transfigurações.

Espelho inicial

no pensamento

das ondinas

em revolta loura

sobre o sol

esquecido no centro

dum lago

harpas de vertigem

ainda o arbusto

tatuado no vento

⁹⁰ HORTA, Maria Teresa Horta, *Espelho Inicial*, Faro: edição da autora, 1960, p. 30.

só o ciúme nos lábios

duma estrela louca

semeada dentro do orgulho

da seara arrepiada

nunca mais

o cais

na bruma oscilante

apenas o encontro

dum anjo

na noite principal

Com regularidade, a autora opta por invocar os anjos como figuras com características próprias, místicas no sentido de misteriosas, possuidoras de conhecimento que ultrapassa um conhecimento comum. E se místicas, as figuras aladas tornam-se humanas e, dentro dessa dimensão, capazes do erótico, do bom e do mau, declarando uma bissexualidade que Maria Teresa Horta assume como objeto de interesse na escrita a desenvolver quando escolhe para epígrafe deste livro uma frase de Catherine Clément que diz:

“Da mítica bissexualidade que dá ao homem a imortalidade longe do nascimento através da mulher, guardemos as asas dos pássaros. Guardemos, é a mesma coisa, a vassoura da Feiticeira, a sua elevação, seus comportamentos, seu voo”.

4.1 SER ALADO E SEXUADO

Os anjos alados

da memória

com as suas asas

de pérgula

e medronho

a voarem noite dentro

pelo sonho ⁹¹

Como fomos afirmando ao longo desta dissertação, o erotismo que percorre a sua poesia é uma forma de desobediência, de rebeldia e precisa de ser contextualizado, uma vez que Maria Teresa Horta escreve e rebela-se contra a repressão sexual e outras formas de discriminação sofridas pela mulher antes da revolução do 25 de Abril de 1974. Há claramente uma perspetiva política e o erotismo é uma opção na escrita que funciona como uma arma, seguindo porventura o entendimento de Michel Foucault.

*“E a causa do sexo – a sua liberdade, o seu conhecimento e o direito de falar dele – encontra-se com toda a legitimidade ligada às honras de uma causa política: também o sexo se inscreve no futuro.”*⁹²

Acresce que há uma dimensão de luta contra o cânone católico e, por isso, não sendo possível deixar de considerar o imaginário cristão no qual o anjo surge como mensageiro de Deus no livro *Anúnciões*, Maria Teresa Horta refere-se aos anjos como espiões do Senhor, anjos de armadura⁹³, a escritora opta por os reinventar, como se fosse um “símbolo rigorosamente novo e pagão”⁹⁴. Há, assim, uma desconstrução do imaginário

⁹¹ HORTA, Maria Teresa, obra citada, página 532.

⁹² FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade I: a vontade de saber*, edições Graal LDA, Rio de Janeiro, 1988, página 12.

⁹³ HORTA, Maria Teresa, *Anúnciões*, página 281, Publicações D.Quixote, Lisboa, 2016.

⁹⁴ MENEZES, Raquel, *A parte que é anjo em Maria Teresa Horta, Ensaio sobre a obra de Maria Teresa Horta, O Sentido Primeiro das Coisas*, edição Conceição Flores/Bons Costumes/Jovens Escribas, Brasil, 2015, página 426.

iconográfico cristão, e a escritora faz com que os anjos se apropriem de uma dimensão humana onde reside o erótico. Nesta transformação, existe uma atitude de rejeição contra as convenções habituais de formas de luta, é, portanto, um novo e inusitado gesto político, que faz parte, mais uma vez, da prática indissociável da vida pública de Maria Teresa Horta. E a causa em questão, transversal a toda a obra da poetisa e escritora, remete para a causa feminista, para a libertação das mulheres e para uma reivindicação de paridade que vai mais longe do que a comumente defendida em termos políticos, porque se inscreve no campo do desejo. E o erotismo patente na poesia de Maria Teresa Horta remete-nos para a definição de erotismo de George Bataille: “*uma imensa aleluia perdida num silêncio sem fim*”⁹⁵-, embora tornando, assim, mulheres e homens paritários ao nível do desejo e do prazer.

Podemos então concluir que, na sua obra ficcional, Maria Teresa Horta luta em defesa das mulheres, conferindo à mulher um lugar de privilégio ao nível do desejo, num universo sexual que aparentemente lhe estaria vedado no cânone social. Na escrita, a autora faz uso de múltiplas ferramentas para contrapor ideias, para gritar liberdade. Em *Anjos*, a revolta é sempre e ainda a do corpo, a possibilidade de nomear o desejo num registo de paridade, mas a revolta é simultaneamente outra: a apropriação dos anjos retirando-lhes a carga religiosa, atribuindo-lhes um corpo e uma ânsia sexual, a bissexualidade e a liberdade de agir num mundo onde não há senhor ordenador e criador, nem tão-pouco o mais curto vislumbre da sua possibilidade de existência. Podemos então perguntar: de onde vêm os anjos? Chegam de que céu? Um céu sem Deus, é o que reclama Maria Teresa Horta, assegurando-se de que a existência das figuras aladas, com sexo definido, seja masculino ou feminino, não depende de um Criador religioso, apenas da imaginação e vontade de quem escreve.

4.2 ANJOS REINVENTADOS

São anjos

apenas

⁹⁵ BATAILLE, George, *Œuvres complètes*, tome X, Collection Blanche, Paris: Gallimard, 1987, p. 264.

com o corpo dos homens

num corpo de mulher

e um ligeiro crepitar de asas

na altura dos ombros⁹⁶

O último capítulo, *Mulheres Anjos*, implica que a escritora considera que os anjos não são apenas do domínio do feminino.⁹⁷ Mas não é apenas essa realização – a ideia de que os anjos podem ser de ambos os sexos – que perpassa neste livro; a escritora retira a ordem falocêntrica da relação de fusão entre os corpos para assumir que não há “servidão e poder” (Barthes), ambos os sexos se confundem como comprova o poema aqui transcrito⁹⁸.

Viro-te anjo

debaixo do meu corpo

cubro-te

voando vogando

pelo nada

o teu pénis

direito

no meu púbis

⁹⁶ HORTA, Maria Teresa, *op.cit.*, p. 508.

⁹⁷ SANTANA, Ana, *Um pacto com aquilo que voa: viagem na companhia dos anjos de Maria Teresa Horta* in *Ensaio sobre a obra de Maria Teresa Horta, O Sentido Primeiro das Coisas*, edição Conceição Flores/Bons Costumes/Jovens Escribas, Brasil, 2015.

⁹⁸ HORTA, Maria Teresa, *op. cit.*, p. 526.

e mais abaixo

a tua vagina alada

O anjo não é rigorosamente entendido como humano e tão pouco pode ser visto como divino, é uma criatura que está no intervalo das realidades e que exprime uma sexualidade que lhe é negada em todos os textos bíblicos, onde os anjos são, nomeadamente, por força das narrativas, mensageiros, acompanhantes, servos⁹⁹. O Eros trabalhado pela autora é o que permite a transfiguração já referida e é com base nesta ideia, nessa construção poética, que a poesia surge.¹⁰⁰

A parte que é

anjo

do teu corpo

e me procura a meio

da madrugada

sobrevoando o lago

que é suposto

ser no meu sono

aquilo que calava

⁹⁹ SOUZA, Ana Santana, *op.cit.*

¹⁰⁰ HORTA, Maria Teresa, *op.cit.*, p. 536.

A parte que é

anjo

do teu corpo

e me visita

a meio da madrugada

descansando as asas

dos teus ombros

a meu lado

em cima da almofada

Esta transfiguração dos anjos, dotados de desejo e de prazer, é incapaz de retirar ao leitor a noção do imaginário coletivo de que os anjos pertencem a uma determinada ordem pré estabelecida, anjos que são *ar notoria*¹⁰¹, indissociáveis da ideia de Deus, de oração, proteção. Para Maria Teresa Horta, os anjos, na sua dimensão religiosa, perdem importância.

A grande ousadia de Maria Teresa Horta é negar a crença e apostar na evidência concreta da existência de anjos para lá da existência ou não-existência de Deus. A poesia é a materialização de uma ideia de transcendência cujo corpo é constituído anjos, anjos que são salvadores, anjos que podem cair. Há um sentimento político e ético na construção ficcional da autora e que é, como num sonho, a realização de um desejo¹⁰², de um ideal. “Na formação dos sonhos intervém também um trabalho intelectual crítico que não se limita a repetir materiais dos produtos oníricos”¹⁰³, como afirma Freud, no texto fundador “A interpretação dos Sonhos”.

¹⁰¹ HANEGRAFF, Wouter J., *Western Esotericism*, Nova Iorque: Bloomsbury Academic, 2013, p. 113.

¹⁰² FREUD, Sigmund, *A interpretação dos Sonhos*, Lisboa: Relógio de Água, 2009, página 95.

¹⁰³ FREUD, Sigmund, *op.cit.*, p. 227.

Da leitura do conjunto dos poemas sobressai sempre a ideia de Eros, e não o amor enquanto a “consideração fiel e desejada por um outro específico que elegemos”¹⁰⁴. A relação conflituosa com a Igreja Católica e os seus dogmas não é feita apenas pela apropriação da figura do anjo (multiplicados por vários anjos e todos eles com propriedades distintas); é, sobretudo, ainda transmitida pela forma erotizada como Maria Teresa Horta escreve, sem pudor de usar palavras concretas para nomear o sexo, o prazer, o desejo.¹⁰⁵

Quantas vezes te digo

que te dispo

e depois te lambo

primeiro as asas

e o pénis

e em seguida: o ânus

E o anjo

de baixo

ficou a acariciar o pénis

do anjo que voava

por cima

de manso procurando

o fundo

¹⁰⁴ MILBANK, John; ZIZEK, Slavoj, *A monstruosidade de Cristo*, São Paulo: Edição Três Estrelas, 2009, p. 159.

¹⁰⁵ HORTA, Maria Teresa, *Poesia Reunida*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, , 2009, p. 523.

da vagina

Os anjos assumem todas as formas e desejos profanos, tornam-se, na escrita erótica desta escritora, mais próximos, mais humanos e, ao mesmo tempo, não perdem algo de divino, não sendo entendidos, em nenhum poema, como seres alados capazes de uma vivência totalmente humana. Maria Teresa Horta parece considerar que os anjos são de outra ordem, apesar de possuírem características humanas que permitem o desenrolar de atitudes diversas. O livro divide-se em capítulos onde os anjos têm corpo, vêm da infância, têm memória, são do apocalipse e esse tremor é exclusivamente sexual, impetuoso e violento, mas não castigador.

Neste livro, Maria Teresa Horta refere-se uma única vez a Deus, ao Deus católico que rejeitou na adolescência, e só voltará a fazê-lo mais tarde no livro *Anunciações*¹⁰⁶. É, todavia, notória a importância que o mundo cristão e o cristianismo têm na sua obra, quer na ficção, quer na poesia. A escritora e poetisa admite ser uma leitora assídua do Antigo Testamento, sendo que as referências da cultura judaico-cristã estão sempre patentes, apesar de se negar a considerar possível a existência de um Deus, em particular o Deus irado e castigador.¹⁰⁷

5. AS MULHERES FEITICEIRAS

Na primeira edição portuguesa do clássico *A Feiticeira* de Jules Michelet, Maria Teresa Horta escreve¹⁰⁸:

“Ao se assumir feiticeira, ganhava a mulher um estatuto, uma força, que a ordem social sempre lhe negara. Ao se afirmar feiticeira, ao se entregar até às práticas ocultas, recusava a mulher a vida que lhe era imposta. Ao entrar em êxtase, atingia ela uma realização que lhe era proibida como mulher.” E assim se compreende que haja uma associação da figura da mulher à curadora, aquela que detém conhecimentos das plantas, por exemplo, e da curadora à bruxa, alguém

¹⁰⁶ HORTA, Maria Teresa, *Anunciações – romance*, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2016

¹⁰⁷ Entrevista presencial à autora, ver anexo.

¹⁰⁸ MICHELET, Jules, *A Feiticeira*, Lisboa: edição Afrodite e Fernando Ribeiro de Melo, 1974, p. 27

que tem poder. Jules Michelet descreve a feiticeira como “infortunada”¹⁰⁹, “maldita”, “proscrita”, “envenenadora”, e ainda a “a noiva do Diabo e do Mal encarnado”.

No século XV, Paracelso, alquimista e médico suíço, cujas ideias se situam entre o misticismo e a pesquisa científica propriamente dita, terá afirmado, como se lê na obra citada de Jules Michelet, que aprendeu tudo com as feiticeiras. E, no mesmo comentário à obra de Jules Michelet, a poetisa portuguesa escreve: “Michelet dizia no séc. XVIII que as feiticeiras eram muito importantes e que a Inquisição, queimando-as, deixou aldeias vazias. Muitas mulheres diziam ser feiticeiras não sendo, porque era uma forma de aceder a uma identidade própria.”¹¹⁰ *Les Sorcières / Feiticeiras* é o título da edição (bilingue) francesa, da Actes Sud (2006), é entendida como uma cantata da autoria de Maria Teresa Horta (poesia) e de António Chagas Rosa (música), cuja interpretação pelo Ensemble Musicatreize, de Marselha, conquistou um Victoire de la Musique, principal galardão com que em França se distinguem as criações musicais.

Os poemas reunidos neste livro são inspirados nos autos medievais, desenvolvendo-se a temática em defesa das mulheres, embora recorrendo a aspetos centralizadores e historicistas que permitem um enquadramento e melhor entendimento do papel da mulher, um papel subalterno e, em simultâneo, desafiador e poderosos. Além de descrever as feiticeiras, os autos de fé, o Sabbath, os seus conhecimentos específicos da Natureza, existem nestes poemas a indicação demoníaca, Satanás como interveniente, como interlocutor e tentador, amigo ou inimigo, e ainda a presença dos padres com a perseguição pelo *Santo Ofício*. No final deste livro, Maria Teresa Horta escreve o poema *Canto da Ressurreição*.¹¹¹

Vinda de onde sou

eu torno sempre...

¹⁰⁹ MICHELET, JULES, *A Feiticeira*, consultado online dia 15 de Fevereiro de 2017, <https://pt.scribd.com/doc/84699877/A-Feiticeira-Jules-Michelet>, p. 1.

¹¹⁰ MICHELET, Jules, *op.cit.*, p. 28.

¹¹¹ HORTA, Maria Teresa, HORTA, Maria Teresa, *Poesia Reunida*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2009, p. 846.

Feiticeira simboliza algo mais do que o seu significado “manifesto e imediato”¹¹²; e Maria Teresa Horta faz o retrato das feiticeiras partindo de exemplos medievais que pesquisa. Importa-lhe, mais uma vez, explorar o poder das mulheres, a incompreensão dos homens face às mesmas, o temor que o feminino provoca e de como esse temor, tantas vezes acusado de demoníaco, é apenas fraqueza dos homens ou simples ignorância.

ÁRIA DA FEITICEIRA

Ó cereja carmim

amora

da minha carne

Desata-me as mãos

do estame

dá-me tudo o que não arde

Ó doce torpor ruim

licor da minha

boca

Doçura áspera

que apouca

ora de pérolas ora loura

Ora alba no orvalho

ora ruiva

e depois louca

Vem tempestade

vem luz

de alumiar o destino

¹¹² JUNG, Carl, *Chegando ao Inconsciente in O Homem e os seus Símbolos*, Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016, p 19.

E os negrumes estilhaçados
os demónios, os diabos
soltos pelos caminhos

Descruza os nós do meu sangue
e dá-me a bruma
do linho

Ó rosa do meu
mênstruo
onde perdeste teus espinhos?¹¹³

Assim, como dito, a escritora parte da história relatada em autos diversos da igreja relativos a acusações de bruxaria feitas a mulheres, construindo um paralelismo com a contemporaneidade. Mais uma vez, o objetivo é sempre o de reclamar a liberdade – traço transversal ao conjunto da sua obra – reivindicando um papel paritário entre géneros, assumindo-se como feminista¹¹⁴ e criando a sua filosofia do erótico, na qual o desejo e o prazer são igualmente comuns. Não há qualquer sobrevalorização da libido feminina ou masculina, mas antes uma paridade no desejo e no prazer, contrariando a ideia de que o “sexo não faz parte da perfeição”¹¹⁵. A autora não advoga, portanto, a passividade da mulher que “marca bem uma inferioridade de natureza e de condição”¹¹⁶.

O erotismo patente na poesia de Maria Teresa Horta, muitas vezes é tida como, já o dissemos anteriormente, a autora do erotismo em Portugal, evoca a celebração dos corpos, sendo o erotismo essencial na obra ficcional e poética. O feminismo problematizou a situação das mulheres na sociedade, considerando o movimento feminista uma categoria universal, capaz de representar as mulheres na sua reivindicação pela paridade de tratamento ao nível profissional e na intimidade¹¹⁷. Maria Teresa Horta escreve sobre o desejo, o poder, a capacidade de confrontar o poder instituído, recusando

¹¹³ HORTA, Maria Teresa, *Poesia Reunida*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2009, p. 827.

¹¹⁵ , Guy, *op.cit.*, p.16

¹¹⁶ FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade – O Uso dos Prazeres*, Lisboa: Relógio d'Água, 1994, p. 243.

¹¹⁷ BUTLER, J., *Problemas de género: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasil, 2003, p. 17-19.

sempre a ideia da “inferioridade das filhas de Eva”¹¹⁸. Essa inferioridade era uma convicção que se apropriou do imaginário, na certeza de que “a prática da feitiçaria maléfica e demoníaca estava intimamente ligada à natureza feminina e, por extensão, que toda a mulher era uma feiticeira em potência”¹¹⁹. Há ainda a ter em consideração que a sexualidade da feiticeira é tida como “desenfreada que, ao atacar as propriedades genitais do homem e ao acasalar com demónios, se opõe às leis naturais da procriação”¹²⁰.

O erotismo patente na obra da Maria Teresa Horta não significa amor enquanto a “consideração fiel e desejada por um outro específico que elegemos”¹²¹, significa apenas a fruição do ato sexual sem qualquer obrigação de conjugalidade. Não se trata também de optar pela invocação da infidelidade e todo o universo de enganos e traições comuns a este tipo de situação, trata-se sim de afirmar que a mulher – como o homem – sente desejo e procura a satisfação do desejo com o mesmo despojamento sentimental que existe tradicionalmente atribuído ao universo masculino. A ideia de aliança entre homem e mulher, de paridade no desejo, de rutura com o interdito que limita as opções da mulher em especial é o foco central de muita da construção poética da autora.

Entregamo-nos e beijamos

em êxtases e clamores

Pernas subidas de orvalho

nenhuma de nós é casta

luxúria de muito orgasmo¹²²

A questão sexual é recorrente, fazendo parte integrante do que é a marca de afirmação e diferenciação da autora, na senda do que afirmam pensadores como, por exemplo, Deleuze: “Os movimentos de libertação das mulheres têm razão em dizer: vão

¹¹⁸ BECHTEL, Guy, *op.cit.*, p.25.

¹¹⁹ DUBY, George; PERROT, Michele, *História das Mulheres no Ocidente, volume 3: Do Renascimento à Idade Moderna Século XX*, Lisboa: Afrontamento, 1991, p.517.

¹²⁰ DUBY, George; PERROT, Michele, *op.cit.*, p. 527.

¹²¹ MILBANK, John; ZIZEK, Slavoj, *A Monstruosidade de Cristo*, São Paulo: Edição Três Estrelas, 2009, p.159.

¹²² HORTA, Maria Teresa, *op.cit.*, p. 830.

à merda, não somos castradas”¹²³. Lutando pela igualdade e pela não perda de identidade, Maria Teresa Horta assume também que a “diferença dos sexos é um ato simultaneamente político, ético e simbólico”¹²⁴.

Em entrevista à revista *Cáritas*, a autora afirma que “todas somos Maria”¹²⁵, que é o mesmo que dizer que todas as mulheres são subjugadas a uma existência na qual o elemento masculino preside numa figura de autoridade que pode ser o homem – enquanto marido, amante –, pode ser deus ou pode ser, simbolicamente, a instituição religiosa. “Propunha-se às mulheres demasiado humanas um modelo inimitável: nenhuma esposa poderia viver o que Maria tinha conhecido. Ou elas conservavam a sua virgindade, mas não davam à luz e desobedeciam à exigência da maternidade; ou tinham crianças... mas afastavam-se do modelo virginal de Maria”¹²⁶.

O caso das feiticeiras é distinto de outros, contudo coloca mais uma vez as mulheres num lugar diferente do dos homens. Trata-se de reconhecer um no outro – as mulheres nos homens e vice-versa – o andrógino espiritual, uma dimensão de fusão¹²⁷ que a autora já explorou em outros livros, nomeadamente no livro *Anjos*, aqui abordado anteriormente.

Os homens são os acusadores, gerem e controlam a Inquisição, são eles que realizam potenciais exorcismos e, por fim, são também os homens que temem o que as mulheres possam saber – o que sabem certamente –, quase como se existisse uma dimensão misteriosa no intelecto feminina (embora denegrido por muitos), por ser exclusivo delas. “*As feiticeiras tinham poderes de compaixão, de curar, o trato com as ervas e as flores. Eram as parteiras da aldeia, os médicos do povo. Daí advinha a sua força*”¹²⁸. Inquisidores e juizes seculares estavam convictos de que “esses conhecimentos só lhes poderiam ser transmitidos pelo Diabo”¹²⁹. De certa forma, podemos dizer que as

¹²³ DUBY, George; PERROT, Michele, *História das Mulheres no Ocidente, volume 5: Século XX*, Lisboa: Afrontamento, 1995, p. 329.

¹²⁴ DUBY, George; PERROT, Michele, *op.cit.*, p. 348

¹²⁵ HORTA, Maria Teresa *in* revista *Cáritas*, Lisboa: edições Cáritas, 2016, p. 24.

¹²⁶ BECHTEL, Guy, *op.cit.*, p. 19.

¹²⁷ HANEGRAAF, Wouter, Faivre, Antoine, Van den Broek, Roelof, & Brach, Jean-Pierre. *Dictionary of Gnosis and Western Esotericism*, Edited by: Wouter Hanegraaf. Leiden: Koninklijke Brill NV: 2006, p. 150.

¹²⁸ GASTÃO, Ana Marques *in* entrevista Maria Teresa Horta, Lisboa: Diário de Notícias, 2007.

¹²⁹ DUBY, George; PERROT, Michele, p.525.

histórias das feiticeiras são também exemplares do “martírio das mulheres”¹³⁰.

No caso das mulheres-feiticeiras, a escritora opta por explorar o poder das mulheres em vez de as retratar como personagens apossadas. Para Maria Teresa Horta são as primeiras feministas¹³¹. O poder destas feiticeiras, partindo da realidade medieval, centra-se em muito mais do que na possibilidade destas mulheres procurarem a cura de doenças diversas através de plantas. A contínua acusação e redução do universo feminino, prejudicando a existência das mulheres ao longo dos séculos, prende-se ainda com o desconhecimento real do que são as mulheres, o que pensam, o que sentem. Reconhecer a sua existência e equipará-la à existência masculina é um esforço que parece nunca ter sido feito pela maioria dos homens ao longo da História, embora a generalização possa pecar pelo excesso.

5.1 SER MALÉFICA

Radicada numa misoginia, “identifica-se preferencialmente o maléfico com a mulher”¹³². Os homens temem o que não conseguem entender e as mulheres – tantas vezes discriminadas ao longo da História – sempre encerraram um certo mistério. O debate sobre essa condição transcendente de bruxaria é antigo; a Inquisição começa a interessar-se pelas mulheres acusadas de bruxaria e de satanismo a partir do século XIII. “Os processos e a condenação à fogueira ou à força das bruxas explodem entre os séculos XVI e XVIII, não só no mundo católico, mas também e especialmente no protestante (visto que Lutero as definia como “prostitutas do diabo” e as acusava de roubar leite, provocar tempestades, cavalgar os bodes e atormentar as crianças de berço)”¹³³. De acordo com Hanegraaf¹³⁴, o satanismo define-se como um “sistema religioso ou filosófico que professa ou manifesta um ódio ao cristianismo”, contudo, o mesmo autor ressalva que existe ainda a definição de ser a prática daqueles que adoram Satanás enquanto figura bíblica.

BELZEBU

Sou legião, sou quadrilha. Anjo caído

¹³⁰ BECHTEL, Guy, *op.cit.*, p. 107.

¹³¹ HORTA, Maria Teresa, entrevista presencial, ver anexo

¹³² ECO, Umberto, *História do Feio*, Lisboa: Difel, 2007, p.204.

¹³³ ECO, Umberto, *op.cit.*, p. 207

¹³⁴ HANEGRAAF, Wouter, Faivre, Antoine, Van den Broek, Roelof, & Brach, Jean-Pierre. *op.cit.*, p.1035.

em desgraça. Matilha é o meu nome

rebanho, ubiquidade

Sou aquele que se torna ele mesmo

em corpo alheio

Sou negrura, sou carrasco, lobisomem, lucubranter

A Deus tiro-lhe a face, sou lince, corro no mato

pelos atalhos do medo, a todos sangro a vontade

dobro o mal e risco o bem em tudo aquilo que faço

Nomeio-me Belzebu. Eu sou o resplendor

Na feiticeira eu entro como na casa do amor

Sou príncipe luzeiro do escuro

Abelha e voo da águia, crueldade e impudícia

sou bando e sou cardume

em lume transformo a água

Cresco no topo do mundo, sou dono e sou senhor

enobreço o desvario, o delírio e a desgraça

embusco o sonho e a paixão e da torpeza sou asa

Multiplico o meu rosto no espelho do clamor
conspurco aquilo que for da inocência à pureza
com a marca do sedutor

Sou cardume, sou manada, alcateia, multidão
sou múltiplo, sou Satanás
Eu não conheço o perdão
Infâmia e emboscada. Sou agonia e maldade
desço às zonas do assombro. Varejo o ar escarlate
E estilhaço o coração¹³⁵

Uma acusação de satanismo implicava então uma afronta face ao que está estabelecido como norma e, ao mesmo tempo, foi sempre entendida como um ataque aos princípios do cristianismo. Mais do que uma rutura, diríamos que se trata de uma construção de ódio¹³⁶. A feitiçaria não pode ser definida como uma fórmula de satanismo. Não se tratava de uma forma organizada de adoração do Diabo, embora seja essa a convicção da crença tradicional. E qual é a convicção? As bruxas ou feiticeiros fazem um pacto com Satanás, mantendo um ritual a que chamam "o sábado das bruxas" e, em troca, recebem poderes sobrenaturais para atormentar as vítimas escolhidas¹³⁷. Tornou-se banal considerar que as bruxas "sofriam de alucinações, de histeria e, para usar a palavra moderna, de auto-sugestão"¹³⁸.

Elas retornam e teimam

¹³⁵ HORTA, Maria Teresa, *op.cit.*, p. 834.

¹³⁶ HANEGRAAF, *op.cit.*, p. 1127.

¹³⁷ HANEGRAAF, *op.cit.*, página 1175.

¹³⁸ MURRAY, Margaret Alice, *op.cit.*, p. 9.

e retomam

Juram e alucinam¹³⁹

“(…) e como tudo incompreensível é suposto emanar do mal, acreditava-se que as bruxas possuíam artes demoníacas. Como também todo Deus não-cristão era, aos olhos do cristão, adversário do Deus cristão, considerava-se que as bruxas adoravam o Inimigo da Salvação, ou seja, o Diabo”¹⁴⁰.

Entre os crentes nas feiticeiras e bruxas procurou-se sempre explicações invocando um poder sobrenatural. Ora, nessa imensa capacidade de possuir poderes sobrenaturais, as feiticeiras são entendidas como mulheres cujas práticas são anti-sociais e malignas¹⁴¹, tendo poderes para transfigurar a Natureza ou/e prejudicar/beneficiar outras pessoas.

A colherem de madrugada

as pérolas turvas

As essências, os ligamentos

As borboletas fulvas.

Mistério. Aparições

que as açucenas

descuram

Mas as mulheres curam

aqueles que amam

¹³⁹ HORTA, Maria Teresa, *op.cit.*, p. 824.

¹⁴⁰ MURRAY, Margaret Alice, *op.cit.*, p. 9.

¹⁴¹ HANEGRAAF, *op.cit.*, p. 606.

Feiticeiras desatando

os nódulos do chamamento

até ficarem chama¹⁴²

O debate sobre essa condição transcendente de bruxaria é antigo; a Inquisição começa a interessar-se pelas mulheres acusadas de bruxaria e de satanismo a partir do século XIII.¹⁴³

A imaginação, acreditada para dar acesso a níveis de realidade mais profundos do que os que são experienciados pelos sentidos, numa mediação entre planos ontológicos¹⁴⁴, permite a valorização de figuras simbólicas como as bruxas e as suas vassouras¹⁴⁵ – a crença no poder das bruxas de andar no ar é muito antiga e universal na Europa –, os demónios e outras figuras míticas que são entendidas por Maria Teresa Horta como património das mulheres, como metáfora do que as distancia do poder dos homens.

O corpo das feiticeiras é, neste registo, essencial e, mais uma vez, utilizado pela escritora para reforçar a força – a fertilidade, maternidade, capacidade de reproduzir – das mulheres e, em simultâneo, a fragilidade das mesmas: as mulheres violentadas, diminuídas, incapacitadas, castradas. Murray¹⁴⁶ destaca a dança das feiticeiras, os rituais, a celebração de Sabat, o número de cerimónias cujo objetivo é assegurar a fertilidade, referindo como tais práticas são tidas como provocações.

Provocação é também o mote de uma parte substancial da obra de Maria Teresa Horta e reflexo da sua personalidade: o texto perde opacidade, o autor perde a sua intimidade, “cada vez mais transparente, à medida que o autor surge: primeiro mal se adivinhando, depois com os traços de um objeto psicológico”¹⁴⁷. Talvez exista uma dimensão de loucura – Freud assegurava que o processo criativo é semelhante ao processo

¹⁴² HORTA, Maria Teresa, *op.cit.*, p.824.

¹⁴³ HANEGRAAF, Wouter, Faivre, Antoine, Van den Broek, Roelof, & Brach, Jean-Pierre, *op. cit.*, p.1127.

¹⁴⁴ HANEGRAAF, *op. cit.*, p. 863.

¹⁴⁵ MURRAY, Margaret Alice, p. 97.

¹⁴⁶ MURRAY, Margaret Alice, p.10.

¹⁴⁷ PLAZA, Monique, *A Escrita e a Loucura*, Lisboa: Editorial Estampa, 1900, p. 26.

neurótico¹⁴⁸ –, no sentido da abstração, porque a escrita é de tal forma poderosa que a transporta para o tal espaço extra, para lá do que é compreensível à maioria. A escritora parece viver “entre o estranho e o familiar, entre a criação e o isolamento, entre o sonho e a realidade, entre o que faz sentido e o não faz, entre a dor e o prazer”¹⁴⁹. O misterioso processo da criação pode ser “comparado com o ininteligível por excelência: a loucura”¹⁵⁰. Na verdade, “o bom-senso é sempre uma violência ideológica que procura promover como *normal* algo que é apenas uma”¹⁵¹. E no caso de Maria Teresa Horta, a escrita é salvadora na sua dimensão íntima e solitária e um protesto público, uma reivindicação constante: “a publicação é para um texto uma forma de existência e de expressão necessariamente mediatizada pelo Outro”¹⁵².

Escreve Roland Barthes

“o prazer do texto é o momento em que o meu corpo vai seguir as suas próprias ideias – pois o meu corpo não tem as mesmas ideias que eu”¹⁵³.

De certo modo, é o “corpo que faz a lei do corpo”.¹⁵⁴ A entrega à escrita é compulsiva, ela assim o afirma, e pode ser compreendida como “a escuta de uma razão que presidiu à ordem natural e ordenou, para os seus fins, a mecânica do corpo”¹⁵⁵. E por causa desta carga de sensualidade e ainda da mística própria da escritora compreende-se que, antes do 25 de Abril de 1974, a autora tenha sido perseguida, temendo a censura “todo o perigo das palavras”¹⁵⁶.

O “não deixar que uma palavra (ou imagem) escape das malhas apertadas da repressão, porque ela poderá atingir a consistência do sistema (como uma canção o fez)”¹⁵⁷ é a questão que se levanta quando se analisa a obra desta escritora e a repercussão

¹⁴⁸ PLAZA, Monique, *op.cit.*, p. 24.

¹⁴⁹ PLAZA, Monique, *op.cit.*, p. 13.

¹⁵⁰ PLAZA, Monique, *op.cit.*, p. 21.

¹⁵¹ BARTHES, Roland, *O prazer do texto*, Lisboa: Edições 70, 1973, p. 13.

¹⁵² PLAZA, Monique, *op.cit.*, p. 30.

¹⁵³ BARTHES, Roland, *op.cit.*, p.53.

¹⁵⁴ FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade – O Cuidado de Si*, Lisboa: Relógio d'Água, 1994, p.154.

¹⁵⁵ FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade – O Cuidado de Si*, Lisboa: Relógio d'Água, 1994, p.157.

¹⁵⁶ BARTHES, Roland, *op.cit.*, p. 18.

¹⁵⁷ BARTHES, Roland, *op.cit.*, p. 18.

pública da mesma. Escapa à acusação de maléfica¹⁵⁸, e mantém a sua fuga, ou seja, a pretensão ética de se reclamar como pessoa é substituída pela “tentação de fugir da sua liberdade e de se constituir em coisa”¹⁵⁹, mas não se trata de não querer ser sujeito, trata-se de querer ser no Outro através da escrita, invocado numa dimensão divina, ligada a mistérios, assumindo, em simultâneo, uma clara componente de denúncia.

¹⁵⁸ DUBY, Georges, PERROT, Michelle, *A História das Mulheres no Ocidente*, vol. II, Lisboa: Edições Afrontamento, 1990, p. 518.

¹⁵⁹ BEAUVOIR, Simone, *O Segundo Sexo*, Lisboa: Círculo de Leitores, 1976, p.17.

CONCLUSÃO

A obra literária de Maria Teresa Horta está impregnada da ideia inquestionada de Deus único e ordenador do mundo, provando que “até os não crentes estão sob o domínio do Deus único... não o sabem, não o conhecem, mas são muitas vezes seus instrumentos”.¹⁶⁰

(...)

Deus protege e acarinha

as mãos de quem exorciza¹⁶¹

Apesar da convicção da autora do seu agnosticismo, a sua obra poética e ficcional está impregnada de ideias religiosas que derivam sobretudo da narratologia do Antigo Testamento, relevando-se nos poemas, nos romances e contos de formas distintas, mas sempre com um cunho monoteísta. A autora renega qualquer forma e culto religioso, contudo convive ficcionalmente com um Deus criador, um Deus ciumento, um Deus castigador e irado, capaz de ter exércitos de espiões nos anjos, um Deus manipulador e, simultaneamente, silencioso. O silêncio que confere a esta ideia de Deus é, todavia, uma forma de não reconhecer a sua existência, ao mesmo tempo que se deixa impregnar da sua influência e da influência das narrativas bíblicas para construir um imaginário muito peculiar e particular.

O Deus de Maria Teresa Horta é único, está no Antigo Testamento, como dito anteriormente, e mesmo não o reconhecendo, escreve-o e há, sub-repticiamente, uma aceitação da dimensão divina, transcendente, capaz do Bem e do Mal.

O fenómeno religioso, moldura afetiva e de impressão imagética que vinga e que se centra na narratologia que deriva da Bíblia, é, na obra da autora, uma força inspiradora demasiado forte para ser ignorada, é moldadora da realidade e do imaginário, é incontornável mesmo para quem se afirma agnóstico, como é o caso de Maria Teresa Horta.

¹⁶⁰ PINTO, Paulo Mendes, *Uma história de Deus*, por publicar, p. 12.

¹⁶¹ HORTA, Maria Teresa, *op.cit.*, p. 848.

Maria Teresa Horta não acredita em Deus, mas o Deus que questiona é apenas um e está presente, sempre presente.¹⁶² A rutura da autora com o catolicismo surge por impossibilidade de diálogo com o padre confessor da sua adolescência sobre o dogma de Maria. A personagem bíblica, a mãe de Jesus, apresenta-se-lhe numa versão discriminada nos Evangelhos e, acima de tudo, a questão da virgindade na concepção é algo que perturba uma jovem Maria Teresa Horta.

Maria Teresa Horta trabalha a personagem da mãe de Cristo dando-lhe uma nova perspetiva assente num vocábulo caro ao seu universo enquanto escritora: desobediência. É uma autora que trabalha ao longo da sua obra literária, de sessenta anos, ao nível da experimentação textual do corpo e da sensualidade secularmente interdita às escritoras do sexo feminino.¹⁶³ Maria é o prolongamento dessa ideia de que as mulheres podem e devem reclamar o seu corpo como disposto apenas à sua própria vontade e é a partir desse pressuposto que a escritora desenvolve a narrativa que conhecemos como Anunciação, conferindo-lhe novas roupagens, novos significados e, sobretudo, um entendimento amoroso entre as duas figuras - Maria e Gabriel – que geram, apesar de Deus e contra Deus, uma criança que continuará a ser Jesus. É uma rutura – mais uma, se analisarmos o conjunto da obra da escritora – com os dogmas da Igreja Católica Apostólica Romana.

O refazer desse universo bíblico e das suas consequências é apanágio da autora. E esta dissertação pretende provar que a obra de Maria Teresa Horta possui uma vertente forte que, de forma evidente, está no “refazer” do universo que tem por base a cultura judaico-cristão. Para tanto, optámos por analisar três obras em concreto e todas apontam para a transfiguração de elementos divinizados e demonizados, numa interpretação original da autora, que possibilita, em especial, a reconstrução, o “refazer” do papel da mulher tanto ao nível dos direitos básicos de liberdade e liberdade de expressão, como na dimensão erótica e de alcance de prazer.

As questões do corpo, o erotismo, a sexualidade, os direitos das mulheres, a causa feminista, importam verdadeiramente a Maria Teresa Horta e impõem-se na caracterização da vida pública da autora. Considerada por muitos como a poetisa do

¹⁶² Entrevista citada.

¹⁶³ PEDROSA, Inês, *Judith e Teresa*, conferência do Colóquio Internacional em homenagem a Judith Teixeira: as mulheres e o modernismo, Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, 2015.

erotismo por excelência, Maria Teresa Horta apresenta na sua obra ficcional – prosa e poesia – uma pegada incontornável do cristianismo que advém da sua educação católica. Feminista reconhecida, militante do Partido Comunista Português durante 14 anos, Maria Teresa Horta é desobediente por princípio ou personalidade, advogando que os cânones e dogmas religiosos carecem de qualquer fundamento, assim rejeitando qualquer forma de espiritualidade.

A dimensão do erotismo na obra de Maria Teresa Horta obriga-nos ainda a vislumbrar as mulheres – qualquer mulher, em qualquer época – como dona de um *Eros* ativo e possuidor de desejo. “(Há) uma educação sentimental, a qual nasce do elemento erótico”¹⁶⁴ e essa opção pelo erótico é algo que é transversal à obra da autora. Podemos considerar que esta disposição sexual não é distinta da dos homens, é esse o ponto de vista da autora, contudo a igreja e os homens tendem a demonizar a mulher, a considerá-la demoníaca, “impura”. A possibilidade de salvação, desde a traição de Eva, será a “fazer-se mãe, transformar-se em mãe”¹⁶⁵?

As interrogações de Maria Teresa Horta põem em causa a instituição católica, os dogmas, os preceitos e, apesar disso, o livro *Anjos* comprova que mantém a ideia de que os anjos existem e são passíveis de ser encontrados por ela, como se os retirasse da religiosidade por capricho ou convicção de que não correspondem aos anjos das narrativas bíblicas, e este será entendimento da autora consciente e que podemos questionar. Essa transfiguração é, acima de tudo, uma humanização dos anjos, uma apropriação sexual dos mesmos e ainda a intenção de lhes conferir uma natureza feminina e masculina em simultâneo.

A temática das bruxas e feitiçaria sempre foi alvo de opiniões divergentes, nomeadamente de historiadores contemporâneos.¹⁶⁶ E só a palavra, feitiçeira, simboliza algo mais do que o seu significado “manifesto e imediato”¹⁶⁷; no caso estreitamente ligada à ideia de poder, de ligação demoníaca, de cura e sabedoria, de maldade. E ainda ao

¹⁶⁴ OLIVEIRA, Juliana de Bastos, *Tatuagem da palavra: a educação sentimental do corpo no corpus poético de Maria Teresa Horta*, Brasil, 2005.

¹⁶⁵ BECHTEL, Guy, *As Quatro Mulheres de Deus – a Puta, a Bruxa, a Santa & a Imbecil*, Lisboa: Multinova, 2003, p.12.

¹⁶⁶ MURRAY, Margaret Alice, *The Witch-Cult in Western Europe – A Study in Anthropology*, Inglaterra: Clarendon Press, Oxford, 1921, p.9.

¹⁶⁷ JUNG, Carl, Chegando ao Inconsciente in *O Homem e os seus Símbolos*, Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil, 2016, p. 19.

Sabbath das bruxas, ao ritual nocturno, privado, exclusivo e iniciático¹⁶⁸ que tanto opôs mulheres ao cânone da Igreja Católica. Maria Teresa Horta explora esse universo com sabedoria e conhecimento no livro *Feiticeiras*. O objectivo parece resumir-se a uma possibilidade de liberdade e de revolta, a capacidade de olhar para a forma inquisitorial com que foram encaradas as mulheres dando-lhe, por fim, uma resposta de força, com sentido de paridade, remetendo a igreja, as regras e os homens para a sua dimensão de absurdo. Perpassa a ideia de luta contra o mundo social, estabelecido, uma luta contra uma realidade por transmutar que obriga a uma “transformação orgânica e física do corpo humano.”¹⁶⁹

A questão central em Maria Teresa Horta é a de que a mulher, ainda agora, é vista como alguém iniciado em mistérios impossíveis de alcançar pelos homens. Esta incompreensão levou a que as mulheres fossem associadas ao Mal e ao Diabo, provocando entendimentos passíveis de originar acusações que, mesmo que infundadas, sustentam a teoria de que a mulher é sempre filha de Eva e cúmplice da serpente, como dito anteriormente, portanto do campo do Mal, sempre do lado errado da existência.

Não entender a fisiologia do organismo feminino – a menstruação, a capacidade de gerar vida – deu origem a diferentes discussões masculinas sobre o papel da mulher, reconhecendo, contudo que existe um poder feminino. Assim, mesma a função materna, a gestação da vida humana, embora fomentado enquanto “modelo da cristã”¹⁷⁰, nunca abafou a concepção de que a mulher é impura, vil e pecadora, remetendo-nos constantemente para o pecado original, o pecado dos pecados.

Maria Teresa Horta torna as suas bruxas e feiticeiras destemidas, fortes, capazes do confronto, corajosas e sobretudo cientes do seu poder. Confere-lhes poder, autoridade, uma postura distante da ideia de submissão ou de um registo de medo face ao homem ou à instituição religiosa. Para a autora, as mulheres pertencem à ordem da organização do mundo e, conseqüentemente, são poderosas, imagem recorrente na obra poética de Maria Teresa Horta, e incompreendidas por serem o que os homens parecem não entender: pensantes, inteligentes, capazes, fortes, sexualizadas, sábias.

¹⁶⁸ MURRAY, Margaret Alice, *op.cit.*, p. 74.

¹⁶⁹ ROSA, António Ramos, ensaio, *Maria Teresa Horta ou a subversão do desejo*, Ilusões Oblíquas: estudos sobre poesia portuguesa contemporânea, Lisboa: Caminho, 1987.

¹⁷⁰ BECHTEL, Guy, *op.cit.*, p.11.

Voamos a lua menstruadas

Os homens gritam: – são as bruxas

As mulheres pensam: – são os anjos

As crianças dizem: – são as fadas¹⁷¹

Além deste universo específico dos livros *Anunciações*, *Anjos* e *Feiticeiras*, podemos ainda encontrar nas suas curtas ficções, nomeadamente no livro *Meninas*, a exploração do universo bíblico assumindo referências múltiplas e, mais uma vez, a questão central é a das mulheres em oposição ao mundo masculino, de um Deus que se transforma em pai, em marido, em amante e, sempre, de forma inevitável em Senhor, em criador divino.

“Vendo-se refletida no espelho do precipício Raquel recua, atordoada. Prisioneira das ambiguidades que a consomem depois de ter sido afastada dos braços de Jacob, desespera-se com a falta do seu corpo entre os lençóis da cama vazia. Desejando pedir ajuda ao divino e lembrando-se de onde ele se deparara com a «porta do céu» quando da saída de Betsabée a caminho de Haran, resolve seguir as pegadas do amado, desmanchando-as e desfazendo-as ao perfazê-las no sentido oposto. Chegando à morada de Deus, deita a cabeça numa pedra e descansa, pretendendo decifrar o enigma. E tal como acontecera a Jacob, logo se depara com a escada de ouro, degraus de luzimento, por onde os anjos descem e sobem além das nuvens, asas matizadas pelas quais de imediato se enamorara.

“Vai-te, que este não é o lugar das mulheres!” – ordenara-lhe o Senhor. Mas tomada pela paixão do conhecimento, levada pela atracção da queda, desobedece e fica. Insurrecta. Imoderada. Imprudente”.¹⁷²

Maria Teresa Horta diz não crer em Deus, no entanto não diz, “um Deus”, um qualquer Deus, refere-se sempre ao Deus da tradição judaico-cristã. Muitas vezes, em

¹⁷¹ HORTA, Maria Teresa, *op.cit.*, p. 547.

¹⁷² HORTA, Maria Teresa, *Meninas*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2014, p.88.

poemas que vem publicando desde a década de sessenta do século XX, existem alusões a deuses e à divindade inerente da natureza, até mesmo do mundo animal¹⁷³, contudo numa leitura reunida de toda a obra, surge-nos como evidência que o Deus monoteísta, criador, vigilante, capaz de tudo, não é apenas a personificação pontual do género masculino – imbuído das características mais negativas que lhe são associáveis e que levam a autora a declarar-se desde sempre feminista – , mas antes um Deus que não sendo messiânico, portador de uma ideia de esperança ou salvação, é quem regula as coisas do mundo. Ora, o trabalho literário de Maria Teresa Horta pertence a essa categoria, uma literatura que não existe sem as figuras bíblicas do Antigo Testamento e sem Deus, na sua unicidade e repleto de divino.

Não poderíamos deixar de sublinhar, mais uma vez, que o amoroso é evidente, o sensual e sexual pressentido e a consciência de pertença ao Outro é total, um Outro não é espiritual, antes concreto, que reforça a construção de uma mística própria a envolver o casamento da autora. A individualidade assenta também numa perspectiva relacional¹⁷⁴; o dualismo – Eu e Tu – é o que conduz a maioria dos poemas escritos por ambas as autoras. O desejo pelo Outro, embora numa aceção distinta é também o reconhecimento do poder ontológico das figuras – Deus; marido – e o mistério que tal lhes confere.

“Somos tentados a falar de loucura a propósito de um texto quando a sua forma nos parece estranhamente hermética, ininteligível, ou quando o seu sentido vai contra os nossos critérios do “razoável”, quer dizer, o nosso julgamento da realidade”¹⁷⁵ e Maria Teresa Horta é estudada amiúde na sua complexidade e dimensão mística. A palavra escrita é capaz de traduzir apenas uma ínfima parte do que se estabelece entre o Eu e o Outro, essa parte essencial do tecido cristão que, em ambos os casos, é erotizada.

Recordamos uma frase de Santo Agostinho¹⁷⁶: E o que é melhor – perguntei -, possuir Deus ou não estar sem Deus?

Assim, é possível dizer que é na poética da Bíblia que Maria Teresa Horta é educada. Esta leitura é fundadora da ideia de que a palavra é poderosa, capaz de tudo. Ao

¹⁷³ HORTA, Maria Teresa, *Dama e o Unicórnio*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2013, p.22.

¹⁷⁴ MAY, Simon, *op.cit.*, p.101.

¹⁷⁵ PLAZA, Monique, *op.cit.*, p. 59.

¹⁷⁶ AGOSTINHO, Santo, *Diálogo sobre a Felicidade*, Lisboa: Edições 70, 2015, p. 65.

mesmo tempo, a autora reserva para si um entendimento outro da narratologia, rompendo com a Igreja, mas mantendo claramente a sua poética. Talvez a grande ousadia seja manter uma determinada poética espiritual, apropriando-se de figuras do religioso, para as transmutar, humanizar, sexualizar, libertar. Como se Deus, afinal, existisse na poética e – ainda e sempre – na ideia de que pode existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Araujo, A. F.; Teixeira, M. C. S. (2009). *Gilbert Durand e a pedagogia do imaginário*, Porto Alegre: Letras de Hoje.

Baaren, T. P. van (2016). , *Monotheism*, <https://www.britannica.com/topic/monotheism>, última actualização Agosto 2016, consultado online no dia 4 de Fevereiro de 2017

Barreno, M. I.; Horta, M. T.; Costa, M. V. da; (2010).; *Novas Cartas Portuguesas*, Edição Anotada, Organização Ana Luísa Amaral, Lisboa: Publicações D. Quixote.

Bataille, G. (1987). *Œuvres complètes, tome X, Collection Blanche, Paris: Gallimard*.

Beauvoir, S. (2015).; *O Segundo Sexo*, Lisboa: Relógio d'Água.

Bíblia, (s/d) online, <https://www.bibliaonline.com.br/acf/dt/6/4>, consultada a 11 de Fevereiro, 2017

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro Rio Civilização Brasil.

Caputo, J. (2013). *The Insistence of God*, Indiana: Indiana University Pres.

CÁRITAS, (2016). revista, Lisboa: edições Cáritas Portuguesa, Setembro.

Dias, M. J. M. (2003).; *A mulher na Igreja*, Lisboa: Cadernos de Ciência da Religião, Centros de Estudo em Teologia/Ciências da Religião.

Eliade, M. (2017), *Mefistófeles e o andrógino* <http://ebiblioteca.org/?/ver/64416>, consultado a 10 Fevereiro de 2017

Ellwood, R.S., Alles, D., Gregory, (2007). *The Encyclopedia of World Religions*, Revised Edition, Facts On File, Inc., Infobase Publishing, Nova Iorque, 2007, <http://www.politicalavenue.com/PDF/ENCYCLOPEDIAS/Encyclopedia%20of%20World%20Religions%20-%20Facts%20on%20File.pdf>, consultado online no dia 11 de Fevereiro de 2017

French, M. (1985). *Beyond Power – on Women, Men and Morals*, Nova Iorque: Summit Books.

Freud, S. (2009). *A interpretação dos Sonhos*, Lisboa: Relógio de Água.

Gaarder, J.; Hellern, V.; Notaker, H. (2005). *O livro das religiões*, São Paulo: Companhia das Letras.

Gastão, A. M. (2007). Entrevista Maria Teresa Horta, Lisboa: Diário de Notícias.

Guiley, R. E. (2014). *The Encyclopedia of Witches, Witchcraft and Wicca*, página 158, <https://mantrakadabra.files.wordpress.com/2014/05/encyclopedia-of-witches-witchcraft-and-wicca.pdf>, Facts on File, consultado online dia 8 de Fevereiro de 2017

Hanegraaf, W.;Faivre, A.; Van den Broek, R.; & Brach, JP. (2006). *Dictionary of Gnosis and Western Esotericism*. Edited by: Wouter Hanegraaf. Leiden: Koninklijke Brill NV.

Horta, M. T. (2009). *Poesia Reunida*, Publicações D. Quixote, Lisboa.

Horta, M. T. (2013). *Dama e o Unicórnio*, Lisboa: Publicações D. Quixote.

Horta, M. T. (2014). *Meninas*, Lisboa: Publicações D. Quixote.

Horta, M. T. (2016). *Anúncios*, Lisboa:Publicações D. Quixote.

Horta, M. T. (2016)., *Salmos*, comunicação, 7ª Jornada de Teologia Prática, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Jung, G. C. (2009). *Psicologia e Religião*, Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Jung, G. C. (2016). *O Homem e os seus Símbolos*, Rio de Janeiro: Harper Collins Brasil.

Kung, H. (2012). *O Cristianismo – Essência e História*, Lisboa: Temas & Debates/Círculo de Leitores.

May, S. (2012). *Amor, Uma História*, Rio de Janeiro: Zahar.

Michelet, J. (1974). *A Feiticeira*, Lisboa: edição Afrodite e Fernando Ribeiro de

Melo.

Michelet, J. (2017). *A Feiticeira*, consultado online dia 15 de Fevereiro de 2017, <https://pt.scribd.com/doc/84699877/A-Feiticeira-Jules-Michelet>

Murray, M. A. (1921). *The Witch-Cult in Western Europe –A Study in Anthropology*, Oxford: Clarendon Press.

Pintassilgo, M. L. (2010). Prefácio da primeira edição de *Novas Cartas Portuguesas*, transcrito na Edição Anotada, Organização Ana Luísa Amaral, Lisboa: Publicações D. Quixote.

Pinto, P. M. (s/d). *Uma história de Deus*.

Plaza, M. (1990). *A Escrita e a Loucura*, Lisboa: Editorial Estampa.

Silva, E. C. da; Silv, C. F. Paulino (1985). *Otto Rudolf, O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional*, São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, São Paulo, 1985. http://www.revistatheos.com.br/Artigos%20Anteriores/Resenha_01_01.pdf consultado online no dia 9 de Fevereiro de 2017

Silva. A. da (1999). *Textos e Ensaios Filosóficos I*, Lisboa: Âncora Editora, .

Silvestre, O. M. (2013). *Nenhum Problema Tem Solução: Um Arquivo Digital do Livro do Desassossego*, (referência PTDC/CLE-LLI/118713/2010), do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, Coimbra.

ANEXOS

Anexo I. Entrevista a Maria Teresa Horta, realizada presencialmente no dia 10 de Janeiro de 2017, por publicar

Qual é a recordação mais antiga da prática da Igreja Católica no seio da tua família?

A missa todos os domingos, na Igreja São Domingos de Benfica. Assim como a estranheza de recebermos em nossa casa, todas as quintas-feiras, a imagem da Sagrada Família, dentro de uma caixa alta de madeira clara, com uma pega de metal no cimo, na qual o jovem sacristão pegava com a sua pequena mão sem força, que oscilava um pouco quando a entregava à minha avó, que mal ele se ia embora tirava a imagem do interior do estojo de veludo coçado e levava-a para o quarto escuro, onde a colocava sobre uma cómoda muito antiga com embutidos de marfim, e à sua frente ia acendendo, um por um, os pavios delicados e entontecidos das pequenas lamparinas, pavios que deslizavam no azeite como mínimos barcos sem rumo. E durante 24 horas aquela estranha família ali ficava, à espera que alguém fosse rezar de joelhos à sua frente. Dizia-se que durante o tempo que ela ali continuasse, a nossa casa estaria particularmente protegida. Eu não percebia o significado dessa frase, mas sentia-me sempre inquieta com aquela espécie de invasão, que não me deixava dormir em sossego.

Tendo essa experiência cultural, de tradição de fé familiar, que perguntas fazias? E a quem? Apenas a ti própria?

Não apenas a mim própria, dado ter sido uma menina muito perguntadeira... No entanto, aquilo que eu mais queria, então, era que o meu pai se apercebesse do medo terrível que eu sentia quando ia às missas ao domingo! Na escuridade da igreja as imagens dos santos pareciam-me extremamente ameaçadoras, sobretudo as maiores como a do Senhor dos Passos em tamanho natural, figura verdadeiramente aterradora, descalço, pés lacerados, um joelho assente na pedra gelada do chão da pequena capela que ficava do lado esquerdo do altar-mor. Todo vestido de roxo, carregava a cruz às costas, coroa de espinhos assente na cabeça e na testa feridas, de onde escorriam fios de sangue feito de

mil rubis sangrantes, que então eu acreditava ser verdadeiro. Mas havia ainda o constante tremeluzir das mínimas chamas translúcidas das velas dos altares, diante das quais sempre escutava uma espécie de sussurro voado, que criança imaginosa entendia como sendo o sopro irado do poderoso Deus castigador de que tanto falava a Bíblia (Antigo Testamento).

E quando leste a Bíblia?

Li tudo muito cedo... Dos contos de fadas a romances como “As Pupilas do Senhor Reitor” de Júlio Dinis ou “O Amor de Perdição” de Camilo Castelo Branco, à própria Bíblia, passando pela poesia de Soares dos Passos, por exemplo, que a minha avó guardava na sua mágica gaveta dos segredos. Aprendi a ler sozinha, antes ainda de ter feito cinco anos, com a ajuda dessa avó sufragista, maravilhosa, que vivia em nossa casa, e que para além de me ensinar a juntar as letras e os seus sons, também me lia alto a Bíblia, como se de um romance se tratasse.

Ficaste presa a algo que deriva dessa leitura?

Na altura, sim... Como poderia não ficar? Lembro-me de ter passado horas e horas acordada de noite com a cabeça tapada pelos cobertores, tentando escapar ao olhar inquisitorial daquele Deus castigador e onipotente, que tinha sobre nós o poder da vida e da morte. No início da adolescência, decidi:

Não, eu não acredito nisto! Não quero isto para mim!

Concordas que existe uma religiosidade inerente à tua escrita? Que esta está impregnada de catolicismo?

Diria antes que na minha escrita, sobretudo na minha poesia de amor e a minha poesia erótica, poderá haver por vezes um rasto de luz que pode parecer aproximá-la do misticismo. Mas do catolicismo, não! De maneira alguma, pelo contrário! Na minha poesia há, sim, um claro desafio à educação católica que me foi dada, à qual claramente

desobedeci e desobedeço ao escrever como escrevo. “Minha Senhora de Mim”, por exemplo, assim como “Educação Sentimental”, são claros exemplos disso mesmo.

Como chegaste ao título “*Minha Senhora de Mim*” que, para todos os efeitos, nos remete para o culto mariano?

Cheguei a esta minha obra e a este título, através de um íntimo trato com a poesia medieval portuguesa (pelo seu lado feminino, digamos assim), com a qual dialoguei ao longo da escrita deste meu livro, a cortar amarras com o moralismo e o machismo de então, a desafiar cânones e princípios que reduziam as mulheres ao nada mais absoluto. Considero “*Minha Senhora de Mim*” uma obra rebelde, portanto desobediente e até provocadora, pois nela neguei-me a cumprir cada uma das interdições sexuais no que respeita às mulheres (estereótipos que a Igreja Católica teima em manter), e que eu reduzi a estilhaços, num supremo prazer. Assumo, pois, ter escrito “*Minha Senhora de Mim*”, com aquele grande gosto-gozo que sempre me dá o desafio. Claro que a reacção do governo fascista foi extremamente violenta. A própria PIDE proibiu-o de imediato, tendo eu sido ameaçada, insultada telefonicamente e até espancada em plena rua.

Tendo lutado contra a ditadura, sempre a favor da liberdade – valor que ainda hoje consideras essencial – como é que conseguiste esse equilíbrio entre a crença em anjos e a militância no PCP?

A minha militância durante mais de 14 anos no Partido Comunista Português sempre esteve em absoluta coerência com a minha luta pela liberdade, que foi e será a minha grande e primordial luta. Sou uma mulher da Liberdade.

Quanto a acreditar nos anjos, não lhe chamaria bem acreditar... Mas sim, reinvenção da sua “presença alada” através da poesia. Digamos que a figura do anjo, naquilo que escrevo, parte do cerne do acto poético, da poetisa que sou desde muito cedo, e que nada tem a ver com o Partido Comunista Português, e sim com o meu imaginário mais recôndito... Tinha quatro anos, “quando eles me começaram a sussurrar ao ouvido”... Então, “*imaginava-os*” pelo lado da asa e do voo, garantindo maravilhada ao meu pai, quando ele chegava a casa:

– *Hoje abri a porta aos anjos!*

Deus não te interessa como figura?

Não, decididamente, Deus não me interessa, também, enquanto figura literária: é demasiado óbvia e castradora, controladora, violenta e previsível, mas admito que está presente.

Mas Maria é incontornável, porquê? Por ser mulher? Por ser desprezada na Bíblia e pouco referida?

Maria é uma figura belíssima, extremamente triste e desamada, basta ler o Novo Testamento para que fique claro como ela foi sacrificada, diminuída, totalmente posta de lado. No entanto, foi a voz ela que sempre escutei nesse apagamento imposto, surdo e hostil; voz de mulher ativa, não cativa, como escrevi no poema “*Carta a Maria*”, do meu livro “*Anunciações*”, escrito sobre ela e para ela:

(...)

“Faça-se em mim a vontade do Senhor”

– não disseste. E por isso Maria te imagino

te narro e adivinho, te invoco, reconheço

e finalmente te lavro, suponho e te amanheço”

E o fascínio com os anjos? Quando surgiu? Porque surgiu?

Como já referi atrás, o meu fascínio pelos anjos começou muito cedo; sempre me senti atraída pela sua beleza alada, pela sua existência enigmática.

Há algo de místico na tua escrita, invocas bruxas e feiticeiras. São apenas metáforas?

Até pode ser que haja esse *algo de místico* de que falas... na verdade não sei. Mas, esse lado que referes, o mais certo é tratar-se apenas da face encantatória e onírica da minha poesia. No entanto, invocar bruxas e feiticeiras, também poderá ser visto como um acto pertencendo à feminista que sou. Não te esqueças que as bruxas e as feiticeiras são, habitualmente, vistas como as primeiras feministas.

Mas, não! Elas não são apenas metáforas.

Com o livro “Anjos” distingues o tipo de anjos. Porquê?

Talvez porque tenha pretendido explicar-mostrando como os anjos têm desde sempre invadido a minha vida e obra, desde o primeiro livro publicado... Ou talvez, quem sabe, seja para os invocar melhor?

Anexo II. Entrevista a Maria Teresa Horta, realizada presencialmente no dia 14 de Fevereiro de 2017, por publicar

Há algo de místico na tua escrita, invocas bruxas e feiticeiras. São apenas metáforas?

Possuem um conhecimento que é pertença exclusiva das mulheres e esse conhecimento traduz-se numa forma de poder face aos homens: nós sabemos sobre o mundo, sobre o corpo, sobre a natureza, coisas que transcendem. Sim, esse poder é uma mística.

Como surgiu o livro?

Faltavam-me ainda alguns anos para terminar o meu romance “*As Luzes de Leonor*”, embrenhada na sua escrita apaixonante, quando o compositor António Chagas Rosa (que não conhecia pessoalmente) me procurou para me perguntar se queria participar com ele num projecto musical europeu, para o qual o governo francês o convidara (assim como a vários compositores de outras nacionalidades), por seu lado, ele teria de trabalhar com uma ou um autor português, à sua escolha, para juntos (música e escrita) construírem um trabalho que tivesse a ver com a Europa. Acabei por aceitar o convite, com a condição de termos como tema as feiticeiras e um dos mais violentos e cruéis holocaustos de que há memória desde sempre, e que foi a queima das feiticeiras, levada a cabo com uma imensa eficiência e crueldade pela inquisição. Ainda muito nova prometera a mim mesma que um dia escreveria sobre este tema, numa especial homenagem às feiticeiras desde sempre amaldiçoadas, banidas e ao mesmo tempo utilizadas, por exemplo, quando necessitavam do seu saber curativo. E como o António Chagas Rosa aceitara de imediato a minha condição, escrevi este meu livro com um imenso e particular prazer, embora por vezes, também com susto.

Que pesquisa fizeste?

A pesquisa que estava a fazer na altura, era sobre a marquesa de Alorna, pois encontrava-me em pleno processo de escrita do meu romance “*As Luzes de Leonor*”, que já ia no décimo ano; não havia, pois, lugar para uma outra pesquisa paralela. Na verdade, como as

feiticeiras desde sempre me interessaram muitíssimo, e até já escrevera sobre elas algumas vezes, a última fora uma das introduções ao conhecido livro de Michelet, intitulado “*Sobre as Feiticeiras*”, editado por Ribeiro de Melo em 1974. Nessa altura, sim, fizera uma aturada pesquisa, sobre tudo o que se relacionava com as feiticeiras, tema esse que, como já disse, desde sempre me convocou.

Os demónios eram essenciais?

Claro que os demónios eram, são essenciais, e também ou sobretudo, assustadores; sempre me esquivei a passar demasiado perto deles, fingindo ignorá-los. Pareceu-me ser a melhor forma de não lhes chamar a atenção, sobretudo de não os convocar, confesso que, sem grande sucesso, pois durante a escrita de as “*Les Sorcières Feiticeiras*”, passei-lhes demasiado perto...

Se fosses uma mulher na idade média, no renascimento, serias considerada uma bruxa?

Muito provavelmente seria considerada como tal. Para ser sincera, estou em crer que sim. Sou desobediente. Serei sempre. O mundo não gosta de pessoas como eu, fora do cânone, como as feiticeiras.

Porquê?

Porque pela minha maneira de ser, de me comportar insubordinando-me, tomando posições contra tudo aquilo que considero incorrecto, chamaria de imediato a atenção dos inquisidores... Ora, queimarem-me, seria a única forma que a Inquisição teria de me calar, de se livrar de mim de uma vez por todas. Aliás, enquanto poetisa. Creio que, na verdade, sou da condição das feiticeiras.

Como descreves uma mulher que os outros podem considerar feiticeira/bruxa?

Descrevo-a como sendo uma mulher diversa devido às suas convicções, à sua força interior; disposta a lutar pelos seus ideais, enfrentando o poder disposto a gerar a desigualdade, as discriminações. Mas as chamadas feiticeiras são igualmente mulheres poderosas pela sua maneira de ser, pelo seu comportamento, desobedecendo a normas absolutas, lutando pelos seus direitos, desenvolvendo processos de grande solidariedade para com as outras mulheres. Elas são as tratadoras. Na verdade, as mulheres continuam a ser as tratadoras, quer das suas casas, da família, particularmente dos filhos; também das comunidades – dos lugares onde vivem; muitas vezes são elas que tratam, aliviam as dores e curam, pois conhecem as “mezinhas”, sabem das “ervas milagrosas”, do poder das estrelas e das plantas... Estas mulheres, que continuam a existir, são as “ajudadoras do mundo”, e de quem delas precise.

Portanto, as mulheres ainda hoje são feiticeiras?

Creio que há, sim. Mas não aquelas que lêem a sina nas feiras e não só, entre tantas outras absurdas e nocivas vigarices. As mulheres têm a sua mística, sabem coisas e, também por isso, continuamos a lutar para sermos tratada com paridade.

Esse conhecimento feminino, a tal mística que não se partilha, ainda assusta.

Creio que, de uma maneira ou de outra, as mulheres desde sempre assustaram os homens. Sobretudo as impositivas, as mulheres fortes, que sabem bem o que pretendem das suas vidas; mulheres desobedientes, independentes, que tomam a vida nas suas próprias mãos. Não é por acaso que as feministas sempre foram e continuam a ser apelidadas de bruxas pelos homens. Mas há, sim, uma mística feminina, um certo “poder das mulheres” que as liga aos elementos, à natureza, e faz a sua “secreta” diferença. Elas “guardam o voz do oceano no seus corpos” que sangram todos os meses; a sua menstruação tem ligação com as fases lunares, são portadoras de poderes milenares, que têm a ver com a vida e a morte. – Isso assusta? – Sim, creio que poderá assustar, sobretudo a quem não é mulher.

Que mensagens querias passar com *Feiticeiras*?

Nunca escrevo um livro para passar uma mensagem! Nem sei como fazer isso... Neste caso, queria escrever um cântico-cantata para falar destas mulheres nossas antepassadas. Fazer-lhes uma homenagem? Claro, também. Pretendia igualmente mostrar-lhes o voo maior. O nosso voo, também das palavras.

Qual é o enquadramento sociológico que deste a este livro?

Tenho sempre alguma dificuldade em analisar sob esse prisma a maioria dos meus livros. Mas neste caso, creio poder sublinhar o anseio e a luta das mulheres pela sabedoria, frente à proibição do saber às mulheres, ao longo da História da Humanidade. Mas também pretendo sublinhar a incomensurável força dos seus poderes interiores, da escuta do silêncio surdo da terra, tal como do poder incomensurável do seu corpo, ou seja: do corpo das mulheres. Da sua voz telúrica. Da sua ligação especial ao voo das palavras. Como já escrevi:

“Temos um pacto

com aquilo que

voa

— as aves

da poesia.

— os anjos

do sexo

– o orgasmo

dos sonhos

Não há nada

que a nossa voz não abra

Nós somos as bruxas

da palavra”

**Teve uma edição francesa, um complemento musical. Voltas a este som várias vezes?
E ao livro?**

Sim, a publicação de “*Les Sorcières Feiticeiras*” é francesa. Aliás, no ano em que foi editado, ganhou um dos principais prémios franceses no que diz respeito à música clássica, *Victoires de la Musique*. O livro foi editado pela Actes Sud. É muito bela a cantata do António Chagas Rosa, portanto de vez em quando volto a ela; assim como também torno a esses meus poemas. Na realidade, tenho tanto para escrever, tenho tantos poemas sempre em mim, que não tenho tempo para me reler o que escrevo depois de estar editado. Mas, agora que acabei de responder às tuas perguntas, gostaria de colocando-te eu uma pergunta:

“Quem são as mães

dos poetas?

As fadas das serra alta?

As bruxas das floresta?”¹⁷⁷

¹⁷⁷ HORTA, Maria Teresa, *Destino*, Quetzal, Lisboa, 1997

Anexo III. Entrevista a Maria Teresa Horta publicada na Revista Cáritas, nr 11, Maio a Setembro de 2016

A reinvenção de Maria é o ponto tecido por Maria Teresa Horta com sabedoria, tornando a mítica mulher, mãe de Jesus, em alguém que sente, deseja, desobedece – não fosse desobediência uma palavra indissociável da escritora – alguém que se zanga. O livro "Anunciações" tem este pendor de derrubar a mitologia, levando-nos pela mão, de forma vertiginosa, numa via sacra amorosa, cumprindo as 14 estações. Maria e Gabriel, o reverso da história, o desejo, a paixão, o frio das asas, a zanga com Deus. "Anunciações" escapa ao paradigma repetido ao longo dos séculos que associamos a Anunciações pintadas, esculpidas, tecidas por outros artistas. O plural obriga-nos a entender que neste livro, além do encontro amoroso entre Maria e Gabriel, se anunciam outras novas, não o que esperamos, não o que sabemos. Eu, cristã confessa, li este novo livro numa vertigem, depois mais calmamente e depois com outros olhos, a tirar pedaços, a colecionar palavras da Maria Teresa Horta. É um romance e lê-se como tal. Um romance poderoso que não choca a minha pertença cristã e que nos obriga a estabelecer outro diálogo, numa outra dimensão com Maria mulher e não Maria-Mãe de Jesus. Há neste romance tudo o que se espera de Maria Teresa Horta? Não. Há mais. Porque cada livro de Maria Teresa é uma surpresa, uma ousadia. Todas as mulheres são um bocadinho Marias, diz a autora, e eu concordo. Neste momento, a minha Maria é esta, a que anseia pelo anjo, a que está disposta a tudo, a que não teme os espões do Senhor ou mesmo o Senhor. É uma Maria livre como todas as mulheres deveriam ser. Ser livre. Eis uma causa que Maria Teresa Horta tem defendido para as mulheres sem perder o ânimo. Liberdade e, por causa dessa liberdade, a expressão máxima dos afetos, a sexualidade, a desobediência, mais uma vez. Há uns anos escrevi que Maria Teresa é da ordem dos anjos. Existem várias palavras associadas à escritora e poetisa Maria Teresa Horta e à sua vasta obra, obra com sessenta anos. As palavras são fáceis de descobrir para todos os que a lêem: desobediente, erótica, desmesura, inversão de masculino para feminino. Outra palavra, porém, parece-me igualmente adequada: sobrevivente.

E é nessa categoria que vislumbro a escritora-menina, a crescer entre uma mãe estonteante de beleza e um pai austero. A sobrevivência não se faz com o comodismo ou com o medo, Maria Teresa Horta interroga o mundo e interroga-se permanentemente desde criança, uma criança que ela recorda quase como sendo muda. Quando começa a colecionar palavras, muito cedo, há algo de secreto que é só dela, a escrita, e esse mundo possibilita-lhe um todo que está para lá das convenções ou das regras. É, por isso, apenas natural que a escritora, educada na Fé Católica, rejeite o que não entende e guarde para si o mistério de Maria para a reinventar e contar outra história, uma história possível. Maria Teresa acredita no anjos. Algo que me faz sentido, já que são da sua condição, ela pertence-lhes com naturalidade e eles, os anjos, vivem nela. Este romance é apenas mais um passo nessa certeza. Maria Teresa Horta humaniza os anjos, devolve o feminino a Maria, obriga-nos a repensar a história e, feliz no seu desafio, faz com que nos apaixonemos pelo casal, Gabriel e Maria, eles que, de repente, pertencem um ao outro e essa constatação faz sentido. Podemos acreditar. Não será um acreditar na versão religiosa, longe disso, contudo sempre vivi a poesia como uma forma de crença, por entender que os poetas nos salvam, iluminam caminhos, têm as palavras certas. Maria Teresa Horta têm-nas desde sempre. Coleciona-as e as palavras passam a ser dela. Nada podia ser mais bonito ou certo. Como o amor. Porque no limite, ao fim de tantos anos de vida literária, o amor é cantado por ela e conjugado em todos os tempos possíveis, os que conhecemos e outros, aqueles que só a poetisa atinge.

Acreditas **nos** **anjos?**

Eu acredito que acredito nos anjos... dos quais por vezes julgo escutar perto de mim o sussurrar das asas, o odor translúcido dos seus corpos invisíveis, quem sabe, talvez até distinga um finíssimo veio de luz junto das suas pálpebras descidas... E assim continuo a esperar deles o encantamento, sem temer aquele olhar cruel, implacável, sobre do qual falava o poeta Rainer Maria Rilke.

E esse jogo de querer-não-crendo acreditar nos anjos, dura há quanto tempo?

Quando era muito pequena já dizia que abria a porta aos anjos, quando eles com as suas geladas e longas mãos esqueléticas, dedos invisíveis, batiam na madeira da porta de casa... Isto era o que eu garantia a meu pai, quando ele chegava para almoçar e perguntava à minha avó e à minha mãe pelo acontecido durante a manhã.

E qual era a reacção dele quando lhe contavas dos anjos que batiam à vossa porta?

Olhava-me com o seu ar austero e dizia, cortante: “esta menina é estranha...” E a minha mãe respondia-lhe, invariavelmente, com a sua voz de mulher bela e distraída com a vida: “ela é diferente...”

Anunciações, o teu novo livro, é um livro de poesia e um romance. Como chegaste a essa ideia?

Não cheguei a essa ideia, foi antes a ideia que chegou até mim, a impor-se cada dia mais e mais à medida que o livro ia tomando a forma, a estrutura de um romance. – “Há que refazer a encenação dos poemas”, é um verso que escrevi em 2010. Mas, antes disso já publicara em França o livro de poesia “Feiticeiras” e poucos anos depois, aqui em Portugal, “A Dama e o Unicórnio”... E, afinal, o que são ambos senão cantatas com a sua encenação romanesca? Portanto, porque não fazer um romance em poesia?

Porque não?

Precisamente, porque não? Se jamais aceitei regras para a minha escrita? Pelo contrário, sempre fui atrás da sua reinvenção! Assim, em “Anunciações”, finalmente, juntei as duas escritoras existentes em mim: a poetisa e a ficcionista – neste caso, especificamente, a romancista e as suas personagens...

O que te atrai em Maria?

Não se trata de uma questão de atracção. Para ser franca, tal como a Igreja Católica a apresenta, a garante e inventa, Maria não me atrai absolutamente nada. Por isso, também, a Maria deste meu livro nada tem a ver com a Maria tal como a Bíblia a dá a ver e em seguida a Igreja Católica ao longo dos séculos se encarregou de mostrar: uma mulher obediente, passiva e agradecida, que teria dito: “Eu sou a escrava do Senhor, faça-se em mim a Sua vontade”, a cumprir um estereótipo feminino de que tanto ouvi falar ao longo da minha infância e que nos nossos dias ainda existe.

Portanto, essa Maria, nada tem a ver com a “tua” Maria?

Claro que tem, dado a Maria das “Anunciações” ser a mesma Maria do Novo Testamento, embora sendo outra, absolutamente diferente.

Disseste há tempos que todas as mulheres são Marias. Em que sentido?

Porque em Portugal, durante anos e anos, quase todas as mulheres tinham Maria como primeiro ou segundo nome. Uma espécie de “imagem de marca portuguesa”, garante da passividade e da obediência feminina.

Escrever é um ofício?

Eu sou jornalista, portanto escrever é, sim, o meu ofício. Já enquanto escritora - poetisa, o que lhe respondo é o seguinte: escrever, para mim é também um ofício, sim, mas do meu coração e da minha criatividade, no maior prazer! Um acto de perfeita e maior liberdade interior, de harmonia; um voo, um gozo, uma permanente e premente urgência! Porque, para mim, escrever é e será sempre um ato do mais puro deslumbramento!

Começaste a escrever durante o regime de Salazar, agora vivemos em Democracia. Faz diferença na tua escrita?

Faz toda a diferença, claro! Embora durante o fascismo jamais tenha feito autocensura no que dizia respeito à minha escrita literária, ou tivesse deixado de escrever por medo fosse do que fosse! Na verdade, eu sou muito má no obedecer!

Exatamente, há uma palavra que te importa sempre, que repetes, com a qual te identificas: desobediência. O que importa na desobediência?

O que sempre me tem levado à desobediência é querer cumprir-me tal como na realidade sou e pretendo continuar a ser. A desobediência faz parte da minha luta pela liberdade e a igualdade na diferença, quer enquanto feminista quer enquanto escritora. Há séculos e séculos que se tem vindo a ensinar às mulheres precisamente o oposto: a obediência, a passividade, a total abnegação, abdicação de si própria, na recusa da sua autenticidade, identidade. Eu nunca aceitei cumprir estereótipos.

E a “sua” Maria?

A Maria que se vai revelando ao longo de *Anunciações* não aceitou nenhum estereótipo. Aliás, eu digo precisamente isso no post-scriptum, que se intitula “Carta a Maria”, poema no qual afirmo com clareza:

“(…) Faça-se em mim a vontade do Senhor/ – não disseste. E por isso Maria te imagino/

te narro e adivinho, te invoco te lavro e te amanheço”.

MARIA (inédito)

Tu és aquela Maria
de quem inventei
o corpo, o sentir
o sonho, a vida

Tão livre, tão ávida
tão firme
tão corajosa e bravia

Da condição das mulheres
que voam durante as noites
e só regressam de dia

Anexo IV. Bibliografia completa de Maria Teresa Horta. Disponível da página oficial da autora online < <https://www.facebook.com/Maria-Teresa-Horta-P%C3%A1gina-Oficial-163002943815613/?fref=ts>>

Poesia:

Espelho Inicial, Faro: edição da autora, 1960.

Tatuagem, in «Poesia 61», Faro: edição dos autores, 1961.

Cidadelas Submersas, Covilhã: Pedras Brancas, 1961.

Verão Coincidente, Lisboa: Guimarães Editores, 1962.

Amor Habitado, Lisboa: Guimarães Editores, 1963.

Candelabro, Lisboa: Guimarães Editores, 1964.

Jardim de Inverno, Lisboa: Guimarães Editores, 1966.

Cronista não é Recado, Lisboa: Guimarães Editores, 1967.

Minha Senhora de Mim, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1971.

Educação Sentimental, Lisboa: Editorial A Comuna (edição não autorizada), 1975.

Mulheres de Abril, Lisboa: Editorial Caminho, 1976.

Poesia Completa (1960-1982), dois volumes, Lisboa: Litexa, 1982.

Os Anjos, Lisboa: Litexa, 1983.

Os Anjos, álbum com ilustrações de Isabel Lobinho, Lisboa: Lisboa, 1983.

Minha Mãe, Meu Amor, Lisboa: Edições Rolim, 1986.

Rosa Sangrenta, Lisboa: Nova Nórdica, 1987.

Antologia Poética, organização de David Mourão Ferreira, Lisboa: Círculo de Leitores, 1994.

Destino, Lisboa: Quetzal, 1998.

Só de Amor, Lisboa: Quetzal, 1999.

Antologia Pessoal – 100 Poemas, Lisboa: Gótica, 2003.

Inquietude, V. N. Famalicão: Quasi, 2006.

Les Sorcières – Feiticeiras, Paris: Actes-Sud, Arles, (edição bilingue, com tradução de Catherine Dumas), 2006.

Cem Poemas + 21 inéditos (Antologia Pessoal), Rio de Janeiro: editora 7Letras, Brasil, 2007.

Palavras Secretas (Antologia), Fortaleza: editora Escritura, 2007.

Poemas do Brasil, S. Paulo: Editora Brasiliense, 2009.

Poesia Reunida (1960-2006), Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lisboa, 2009.

As Palavras do Corpo (Antologia de poesia erótica), Lisboa: Publicações D. Quixote, 2012.

Poemas para Leonor, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2012.

A Dama e o Unicórnio, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2013.

Anúncios, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2016.

Ficção:

1 - Romances e novelas:

Ambas as Mãos sobre o Corpo, Lisboa: Europa-América, 1970.

Novas Cartas Portuguesas, com Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa, Lisboa: Estúdios Cor, 1970. .

Ana, Lisboa: Editorial Futura, 1974.

Ana, Paris: Éditions Des Femmes, (edição bilingue), 1982.

Ema, Lisboa: Edições Rolim, 1984.

Cristina, Lisboa: Edições Rolim, 1985.

A Paixão segundo Constança H., Lisboa: Bertrand Editora, 1994.

A Paixão segundo Constança H., Lisboa: Círculo dos Leitores, 1995.

As Luzes de Leonor, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2011.

A Dama e o Unicórnio, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2014.

As Meninas, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2015.

Anúncios, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2016.

Ema, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2017.

Poesis, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2017.

Estranhezas, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2018.

Quotidiano Instável, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2019.

Eu sou a minha poesia, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2019.

2 - Contos (coletâneas, revistas e antologias):

Transfert, in *Feminino Plural*, Lisboa: Bertrand, 1984.

Com a Mão Firme e Doce, in *Fantástico no Feminino*, Lisboa: Edições Rolim, 1985.

Lídia, in *Contos*, Lisboa: Editorial Caminho, Lisboa, 1985.

Azul-Cobalto, in *Doze Histórias de Mulheres*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 1999.

Minha Loura, in Lisboa: *Diário de Notícias*, 2003.

Preguiçosa, in *Fadas Láureas*, Lisboa: Prime Books, 2004.

Mónica, in *Intimidades*, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2005.

Leonor e Teresa, Viana do Castelo: Meia Libra, Viana do Castelo, 2005.

Laura e Juliana, Viana do Castelo: Meia Libra, 2006.

A Princesa Espanhola, Viana do Castelo: *Meia Libra*, 2007.

Azul da China, Viana do Castelo: *Meia Libra*, Viana do Castelo, 2007.

Eclipse, Lisboa: O prazer da leitura, edição conjunta da FNAC e Teorema comemorativa do Dia Mundial do Livro, 2008.

Uriel, in *Antologia Frente e Verso*, Lisboa: Visão/PublicaçõesD. Quixote, 2009.

Efémera, in *Um Rio de Contos*, antologia luso-brasileira, Dafundo: Editorial Tágide, 2009.

Alice, in *Isto não é um Conto (histórias de violência baseadas na vida de seis mulheres)*, Lisboa: Associação Link/Fundação Montepio, 2012.

Sem culpa, in *Clarice Lispector - personagens reescritos*, Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2012.

Azul claro - Escavações, in *do Branco ao Negro*, Porto: Sextante Editora, 2014.

Azul Cobalto, antologia, Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2014.

Meninas, contos, Lisboa: Publicações D. Quixote, 2014.

Teatro:

O Delator, in *Novíssimo Teatro Português*, colectânea, Ao Sol, Lisboa, 1961.

Ensaio:

Aborto - Direito ao nosso Corpo, inquérito conduzido com Célia Metrass e Helena Sá Medeiros, Lisboa: Editorial Futura, 1975.